

ALEXANDRE QUEIROZ PEREIRA
EUSTÓGIO WANDERLEY CORREIA DANTAS
BERTRAND COZIC

Práticas esportivas e turismo na praia e no mar



Imprensa
Universitária
UFC

COLEÇÃO
DE ESTUDOS DA
PÓS-GRADUAÇÃO

Práticas esportivas e turismo na praia e no mar



Presidente da República

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro da Educação

Camilo Sobreira de Santana



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC

Reitor

Prof. Custódio Luís Silva de Almeida

Vice-Reitora

Prof.^a Diana Cristina Silva de Azevedo

Pró-Reitor de Planejamento e Administração

Prof. João Guilherme Nogueira Matias

Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação

Prof.^a Regina Celia Monteiro de Paula



IMPRENSA UNIVERSITÁRIA DA UFC

Diretor

Francisco Charles Rocha e Silva Ribeiro

**COMISSÃO TÉCNICO-EDITORIAL DA COLEÇÃO DE
ESTUDOS DA PÓS-GRADUAÇÃO – UFC
EDIÇÃO 2024-2025**

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

Lidiany Karla Azevedo Rodrigues Gerage

MEMBROS

Felipe Ferreira da Silva

Biblioteca Universitária

Joselany Áfio Caetano

Departamento de Enfermagem/FFOE

Juliana Soares Lima

Biblioteca Universitária

Alexandre Queiroz Pereira
Eustógio Wanderley Correia Dantas
Bertrand Cozic

Práticas esportivas e turismo na praia e no mar



Fortaleza
2025

Práticas esportivas e turismo na praia e no mar

Copyright © 2025 by Alexandre Queiroz Pereira, Eustógio Wanderley Correia Dantas, Bertrand Cozic

Todos os direitos reservados

PUBLICADO NO BRASIL / PUBLISHED IN BRAZIL

Imprensa Universitária – Universidade Federal do Ceará
Av. da Universidade, 2932 – Benfica, Fortaleza-Ceará, Brasil

Coordenação editorial

Ivanaldo Maciel de Lima

Revisão de texto

Leidyenne Viana Nogueira

Normalização bibliográfica

Luciane Silva das Selvas

Layout gráfico-visual, diagramação e tratamento de imagens

Sandro Vasconcellos

Capa

Heron Cruz



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Imprensa Universitária – Universidade Federal do Ceará

P436p Pereira, Alexandre Queiroz
Práticas esportivas e turismo na praia e no mar [recurso eletrônico] / Alexandre Queiroz Pereira, Eustógio Wanderley Correia Dantas e Bertrand Cozic. – Fortaleza: Imprensa Universitária, 2025.
11.530 kb : il. color. ; PDF. (Coleção de Estudos da Pós-Graduação)

ISBN: 978-85-7485-590-5

1. Práticas esportivas – praia. 2. Práticas esportivas – mar. 3. Turismo.
I. Dantas, Eustógio Wanderley. II. Cozic, Bertrand. III. Título.

CDD 797

Elaborada por: Luciane Silva das Selvas CRB 3/1022

Sumário

Introdução	6
Dos banhos de mar aos esportes	15
Parques aquáticos no mundo e no Brasil	28
Marinas e campos de golfe nos balneários franceses e no Nordeste do Brasil	47
Considerações finais	67
Referências	73
Os autores	83

Introdução

As reflexões sobre o marítimo convergem para processos de reelaboração das práticas marítimas modernas. No tempo-espaço, verifica-se a predominância daquelas de carácter mais convencionais, como os banhos de mar e os banhos de sol, respectivamente de carácter terapêutico e recreativo, seguidas pelas de carácter esportivo, como as práticas marítimas aquáticas e náuticas.

As práticas marítimas esportivas, a exemplo das demais práticas marítimas modernas, derivam historicamente de atividades desenvolvidas pelas populações tradicionais (Corbin, 1988). Dentre as mais antigas, temos a natação e o surfe. As práticas citadas foram, assim como as demais, ressignificadas a partir da incorporação de novas rotinas e aprimoradas com o uso de novos materiais na construção dos equipamentos utilizados no Ocidente ou nos países ocidentalizados.

No referente à natação, exemplificando o Brasil, Lery (1994) e Thevet (1997), no início do século XVI, descrevem os indígenas como exímios nadadores, comparando-os a golfinhos. No Mediterrâneo, Corbin (1988) também exalta essa prática, realizada nos séculos XVII e XVIII por jovens pescadores. A natação foi ressignificada no Ocidente, concomitante ao movimento de reinvenção das praias. Era praticada por homens e implicava mostrar sua virilidade no enfrentamento do mar. A prática foi incorporada no Brasil, especificamente no Nordeste, a partir da realização de competições, no início do século XX, que envolviam jovens locais e denominavam-se “prova heroica”. A partir dos anos 1970, a natação abarca escalas mais amplas (internacional e nacional) e passa a compor modalidades como o triátlon (*Ironman Triathlon*), incorporado aos Jogos Olímpicos em Sidney (2000).

Quanto ao surfe, acredita-se ser uma prática originária das Polinésias. Foi ressignificado mais recentemente, no entreguerras do século XX, tendo sua difusão se iniciado na Costa Oeste americana, principalmente em praias ao sul da Califórnia, nos Estados Unidos das Américas. Por sua vez, os primeiros campeonatos, nas escalas nacionais e internacionais, foram organizados a partir de 1974.

As duas práticas esportivas mencionadas assumem uma dimensão profissional e envolvem, indistintamente, os países ocidentais e os países do Sul Global: de um lado, na organização e realização de campeonatos e, de outro, na emergência de um segmento representativo de praticantes amadores provenientes de camadas sociais diversas. Por não dispor do mesmo caráter elitista das demais práticas marítimas modernas, o surfe reúne praticantes com perfis econômicos múltiplos. Atualmente, esses adeptos se articulam em redes informacionais de escala internacional, em busca do lugar ideal para a prática, sobretudo em ambientes litorâneos com incidência de ondas, tanto no Norte Global (Guibert, 2006) como em países do Sul.

Para além das práticas mencionadas, sob influência de inovações tecnológicas (na produção de novos equipamentos), outras práticas esportivas são gestadas recentemente: a passagem da natação à prática do mergulho (do clássico, com uso de equipamentos sofisticados, ao extremo do mergulho em apneia); do surfe ao *bodyboarding*, resultante da confecção de novo tipo de prancha; do surfe ao *windsurf*, *kitesurf* e *stand up paddle*. Em todos os casos, há a possibilidade de incorporação de inovações técnicas às pranchas diferenciadas, a exemplo de velas, pipas e remos.

Correlacionados à dinâmica imobiliária promovida por turistas e vilegiaturistas, os esportes náuticos e aquáticos correspondem a práticas de menor envergadura, mas cujos desdobramentos resultam de plena articulação com cenário mundial, compondo um sistema “alternativo” com alto poder de adesão às novas tecnologias informacionais (i); adequação à infraestrutura preexistente (ii); e interação com a ambiência marítima (iii).

A partir do contexto apresentado, empreendemos uma análise tridimensional, a contribuir na discussão sobre os desdobramentos das práticas marítimas esportivas no Brasil. Essa análise se fundamenta em trabalhos ajuntados ao longo de cinco anos e redimensionados na presente obra (Pereira; Dantas, 2019; Pereira; Dantas, 2021; Pereira; Cozic; Dantas, 2023).

A primeira das dimensões, no capítulo “Dos banhos de mar aos esportes”, foca na reflexão sobre a reprodução das práticas marítimas esportivas nos países do Sul. Trata-se de uma abordagem que evidencia a apreensão da praia no Ocidente (especificamente, na Europa ocidental) como território “do medo” (Delumeau, 1978) e “do vazio” (Corbin, 1988). No final do século XVIII e início do século XIX, verifica-se a praia como locus estratégico de sociabilidade, associado ao delineamento de práticas terapêuticas e de lazer empreendidas, à época, por suas elites. Há um processo constante de ressignificação cultural. De início, a nobreza incorpora os banhos de mar assentados nas estações balneárias; na sequência, tem-se a burguesia sequiosa, pura e simplesmente, em usufruir e, conseqüentemente, reproduzir fidedignamente o estilo de vida concebido e implementado pelos nobres (Elias, 1973).

Dado seu caráter elitista, e outros limites impostos à época, principalmente no domínio dos transportes, a prática dos banhos de mar tarda em ultrapassar o continente europeu, constituindo-se no Mediterrâneo o espaço de maior efervescência e difusão da prática, onde se tornou moda (Corbin, 1988; Urbain, 1996). Suplantar a fronteira geográfica indicada demandava tempo, o que se efetivou a partir de dois vieses: dos “banhos de mar” e do “bem respirar”.

Ainda a respeito dos banhos de mar, as elites formadas no continente americano reproduzem as mesmas práticas implementadas por seus pares do Velho Mundo. A título de exemplo, a elite americana na Flórida (Boyer, 1996) e a família real e sua corte, estabelecidas na capital do Brasil, desenvolvem práticas semelhantes às consolidadas na Europa (Linhares, 1992; Costa, 2013).

Em relação à noção do “bem respirar”, observa-se a incorporação da ambiência litorânea (principalmente das ilhas) aos trata-

mentos terapêuticos, balizada na teoria de Lavoisier (Corbin, 1988). Justificada por essas inovações científicas e de comportamento, identificou-se a incursão de número significativo de membros da elite europeia nos trópicos, vistos então espaços de cura.

A vitalidade e a força da lógica de valorização das praias se mantêm até nossos dias, implicando um processo de atualização constante, capaz de referendar a popularização dos gostos pelo mar e pelo marítimo na perspectiva social (efeito de massa) e, concomitantemente, em escala mundial.

No final do século XX e início do século XXI, novos usuários surgem nas zonas de praia, complexificando a paisagem urbana ao exercerem práticas que passam a conviver com aquelas de caráter eminentemente terapêutico e recreativo. São produzidas, especificamente, práticas marítimas modernas de caráter esportivo (náutico e aquático), idealizadas em novo padrão estético, assentado não mais no ideário de homens saudáveis (banhos de mar) ou esbeltos e bronzeados (banhos de sol), mas daqueles com um corpo atlético, que se nutrem do ideal da interação com a natureza, nos intitulados “esportes de aventura”, *sport de nature*, na acepção francesa (Audinet; Guibert; Sebilleau, 2017).

O desenvolvimento de práticas esportivas na praia se justifica no entendimento desse lugar como teatro social, espaço de inovações, lócus onde diferentes atores interagem, constroem e reconstroem sociabilidades, produzindo, inclusive, espaços públicos voltados para a festa e o lazer (Urbain, 1996; Rieucan; Lageiste, 2008).

As citadas práticas se efetivam em centros espalhados no mundo, a partir da modernização dos lugares/praias e adaptação de práticas desenvolvidas em outras ambiências, agora reestruturadas para a representatividade da beira-mar. Trata-se de práticas esportivas criadas e/ou adaptadas para a praia e para o mar (surfe, *wind-surf*, *beach soccer*, voleibol de praia, *kitesurf* etc.), com novos empreendimentos a elas associados (balneários, *resorts*, *condore-sorts*, parques aquáticos etc.).

Os países tropicais com costas extensas, praias arenosas, quentes e ventiladas apresentam-se como protagonistas. Dantas

(2016) enfatiza a efervescência dessas transformações, com evidência para a costa da região Nordeste do Brasil. O intuito é organizar trechos do litoral nordestino em função do que chamam genericamente de atividades turísticas. Buscam-se investimentos privados para a construção de redes de hotéis e/ou empreendimentos complexos, também de caráter imobiliário, assim como intenta-se a ampliação do número de turistas nesses lugares. Dessa maneira, formam-se trechos turistificados do litoral brasileiro, também usufruídos pelas populações locais.

A visitação desses espaços, cidades e vilarejos, ocorre, mormente, pela aproximação contínua de sua condição marítima. Evidencia-se, assim, o objetivo central deste escrito. Tal incorporação é renovada, em tese, pela promoção dos esportes náuticos e de praia e, simultânea e, por vezes, articuladamente, pela organização de festejos e/ou festivais anuais. A pretensão é demonstrar o fenômeno mundial que se realiza em diversos contextos, como do litoral nordeste do Brasil.

O capítulo “Parques aquáticos no mundo e no Brasil”, a segunda das dimensões, dedica atenção especial ao processo de constituição dos parques temáticos e aquáticos como estruturas de lazer e importantes espaços turísticos, que, no Brasil, se dá de forma indutora e induzida pelo processo de urbanização e metropolização do espaço.

Hotéis, cenários e atrações marcam o estereótipo do empreendimento turístico concebido em função do lazer (Raluca; Gina, 2008; Milman, 2009). A Ilha da Fantasia é um exemplo ficcional do parque de diversões mais atraente, haja vista a flexibilidade das atrações, capazes de atender individualmente aos desejos dos visitantes. Um produto turístico sob medida.

A ficção *hollywoodiana* revela outros casos envolvendo a criação de parques temáticos únicos. É o caso da franquia de filmes *Jurassic Park/Jurassic World*. Na sequência cinematográfica, a essência é recriar geneticamente seres pré-históricos e apresentá-los confinados numa ilha como atrações turísticas. Baseadas na imagi-

nação reconstruída pelo cinema e pela televisão, as companhias disseminam imagens; os estúdios e demais companhias de entretenimento tomam “os mundos” e seus respectivos personagens, antes restritos às telas, e ousam recriá-los em parques temáticos.

O espetáculo, a aventura e os jogos são componentes históricos dos parques de diversão (Ryan; Shuo; Huan, 2010), contudo os parques atuais caracterizam-se também por oferecer a segurança, o controle, a unidade e a comercialização de atrações globalizadas (Pan; Bahja; Cobanoglu, 2018; Brougère, 2000). Exemplo mundialmente reconhecido é a *Disneyland*. Mesmo que o projeto inicial tenha sido pensado e implantado em Anaheim (Califórnia, EUA), no final dos anos 1950, é no estado da Flórida, no início dos anos 1970, no entorno da atual Região Metropolitana de Orlando (Sims; Mesev, 2011), que a empresa fundada por Walt Disney põe em prática seu plano de grande envergadura. Anualmente, parques temáticos, aquáticos e *resorts* atraem dezenas de milhões de visitantes. Passo dado pelo grupo Disney, e acompanhado por outras grandes companhias, como a Universal Studios, produziu espacialidade urbana associada ao lazer e ao turismo.

Inequivocamente, esse modelo tem influenciado a criação de parques e de espacialidades semelhantes nos demais continentes (Brunel, 2017). É possível, inclusive, mencionar a formação de uma “indústria” global dos parques temáticos (Clavé, 2007).

O fortalecimento e a difusão dos parques temáticos criaram um processo mais amplo, denominado *dysnelandização* (Brunel, 2017). Trata-se de homogeneização de formas, práticas e atrações que fundamentam a organização de espaços turísticos artificiais e naturais. Esse processo permite compreender as mudanças no imaginário e no olhar do turista contemporâneo (Urry, 2001). Os parques estão inscritos em movimento de massificação, associados ao desejo pelo simulacro, pelo “falso” tradicional, ou seja, “o autêntico reinventado melhor do que o original” (Brunel, 2017, p. 193), e, ao mesmo tempo, transformaram-se em negócio multimilionário (Deng, 2011).

Os parques temáticos são produtos históricos e filtram clara influência do urbanismo das cidades-jardim, da grandiosidade das

exposições universais, dos jogos dos parques de diversão e, hoje, cada vez mais, dos cenários e personagens do cinema globalizado (Clavé, 1999; Bajac; Ottinger, 2010). Para Lukas (2008), os parques temáticos podem ser apreendidos pelas noções *oasis*, *land*, *machine*, *show*, *brand* e *text*. São *oasis* quando percebidos como refúgio em contraste com o caos do “mundo exterior”. Por sua vez, a noção *land* revela o parque temático como composição de lugares e paisagens com a finalidade de gerar sensações. Ao destacar o componente *machine*, revela-se a incorporação de atrações mecanizadas e geradoras de movimento, desafio e aventuras. Os parques estão, ainda, atrelados à noção *show*, haja vista o uso constante de exibições e performances músico-teatrais capazes de compor um enredo. Parques modernos constroem, também, símbolos e marcas conhecidas e valiosas, daí a noção *brand*.

Por fim, e em razão das demais, a noção *text* relaciona-se à metonímia que a expressão “parque temático” abraça, posto agregar significado objetivo, naturalmente absorvido, ou seja, torna-se sinônimo para lugar capaz de reunir as noções apontadas. De acordo com Duhamel (2017), tais complexos se denominam *les comptoirs touristiques*, espaços fechados com acesso regulado, que ocupam extensões importantes dos territórios e são capazes de se correlacionar com outras formas turísticas e imobiliárias (*resorts*, condomínios e *condoresorts*). Ou seja, trata-se tanto do sazonal/turístico como do morar. Como premissa, compreende-se o processo de difusão dos parques temáticos e aquáticos como indutor-induzido de processos mais amplos, a saber, a urbanização e a metropolização do espaço. Pensa-se num modelo de sociedade no qual o lazer é condicionante da reprodução do urbano (Zukin, 1995).

A terceira das dimensões, no capítulo “Marinas e campos de golfe nos balneários franceses e no Nordeste do Brasil”, volta-se à adoção de uma análise comparativa entre a dinâmica envolvida na conformação das marinas e dos campos de golfe no Brasil e na França, *vis-à-vis* à formação ou reinvenção dos balneários turísticos.

No século XIX, inicialmente na parte Norte e posteriormente no Sul da Europa ocidental, as estações balneárias litorâneas são consolidadas e passam a atrair contingente cada vez maior de adeptos das práticas marítimas modernas: seus primeiros usuários, a realeza e a nobreza, elevam tais balneários a uma condição especial, seguidos pela tomada dos espaços litorâneos por segmentos populares, beneficiados por inovações no domínio econômico (direitos trabalhistas) e tecnológico (construção das ferrovias) (Urry, 1996).

Na configuração explicitada, o interesse nas águas tropicais é quase inexistente (Vacher, 2012). Somente após o início do século XX, apreende-se uma mudança de olhares, balizada na arte, na literatura, em obras de Jack London e Mark Twain, e na pintura, com Gauguin, e na ciência, tanto a dimensão científica, preocupada em apreender a riqueza e fragilidade da ambiência marítima, como tecnológica, na descoberta de novos materiais que justificam a potencialização e a popularização de práticas esportivas. A título de exemplo, têm-se a natação e o surfe, popularizado pelo atleta havaiano Duke Paoa Kahanamoku.

Nesse contexto, apreende-se o século XX como representativo do momento de difusão das práticas de lazer associadas à ambiência litorânea nos trópicos, com desdobramentos que justificam, na segunda metade do século XXI, a ocupação das zonas de praia por modelos de estações balneárias diversas (Dantas, 2015), associadas a um conjunto significativo de práticas marítimas e de lazer empreendidas por usuários do país e estrangeiros (esportes de praia, esportes náuticos e de aventura, turismo e vilegiatura de sol e de praia) (Audinet; Guibert; Sebileau, 2017; Guibert e Slimani, 2011; Guibert, 2006).

No relacionado ao Brasil, Pereira e Dantas (2019 e 2021) desenvolveram estudos que, de um lado, indicam a criação de novos esportes na praia e no mar e seus impactos na diversificação das práticas de lazer, com a consequente produção de novas localizações turísticas no Nordeste do Brasil (Pereira; Dantas, 2019), e, de outro, constataam uma lacuna explicativa acerca do significado regional de

outros empreendimentos e atrativos na composição das estações turísticas no litoral brasileiro (Pereira; Dantas, 2021).

Cientes da coexistência de gerações de estações balneárias, abordaremos o papel das práticas náuticas (associadas às marinhas) e dos campos de golfe na formação ou reinvenção dos balneários turísticos e litorâneos, considerando o exemplo do movimento inicial de invenção dessas práticas no Ocidente (Estados Unidos e Europa ocidental com foco no caso francês). Pretende-se, com essa estratégia, entender os desafios do desenvolvimento dos *ports de plaisance* dos campos de golfe no delineamento das estações balneárias contemporâneas. Caracterizadas como atividades de uso restrito (caráter predominantemente elitista), a partir das décadas de 1980 e 1990, passam por processo de popularização, consoante ao delineamento de práticas eminentemente esportivas em torno dos balneários litorâneos (Bernard, 1999). Faremos, então, um contraponto com o Brasil, país ocidentalizado que vivencia um movimento de incorporação das citadas práticas no final dos anos 1980, início dos anos 1990. Nesse sentido, apreender-se-á um movimento de filtragem que culmina em um procedimento de diferenciação das atividades mencionadas (de suas práticas e do perfil de seus usuários), conforme elementos característicos do lugar (sociais, econômicos, culturais e ambientais). Nos termos indicados por Dantas (2019), trata-se de movimento vizinho ao do Ocidente e a não representar uma mera transposição.

Por fim, os autores agradecem pelos recursos financeiros e bolsas de pesquisa concedidas por importantes instituições de fomento à pesquisa no Brasil: Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Funcap), Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Dos banhos de mar aos esportes

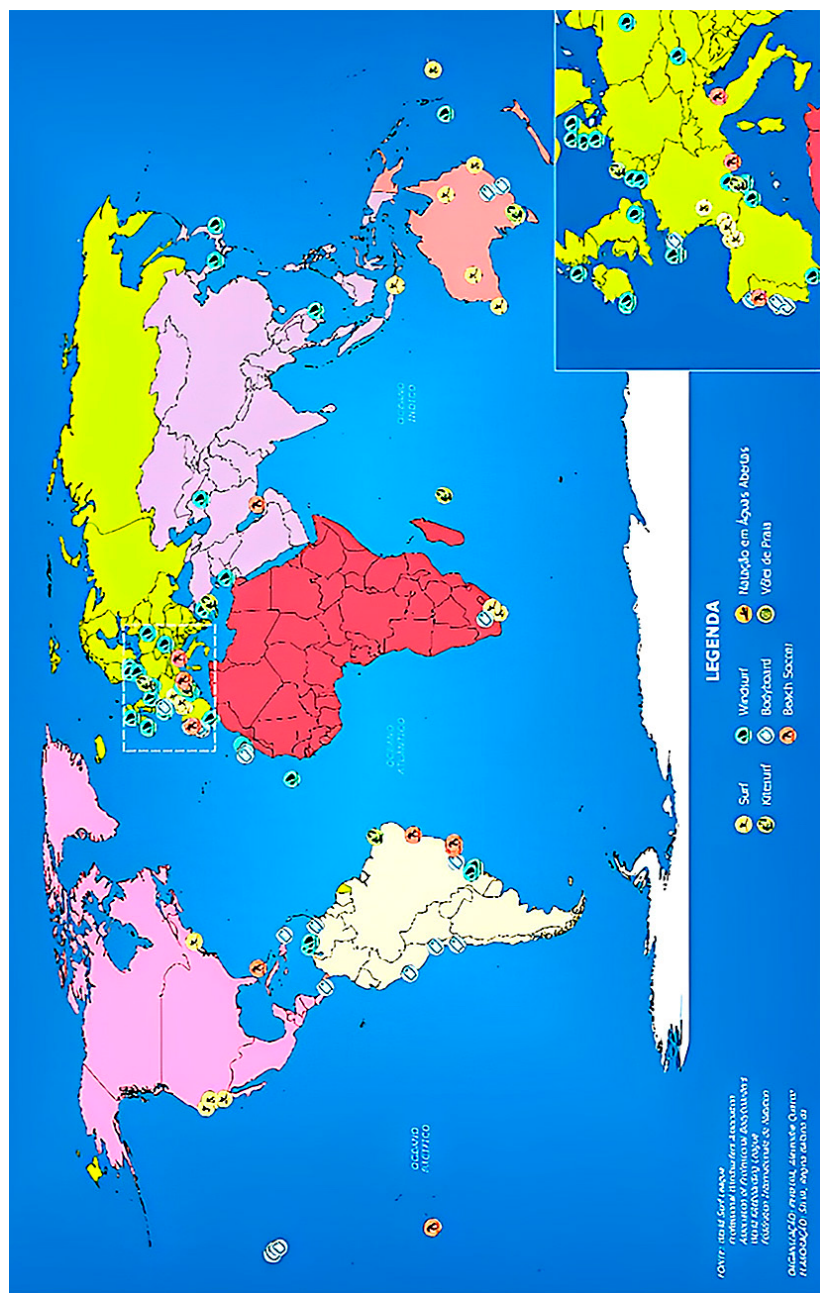
A modernização das zonas de praia, desde o final do século XIX, apresenta-se como fenômeno importante na compreensão da consolidação do gosto pelo mar e marítimo. Tal processo caracteriza-se tanto pela produção de novas construções (calçadões, píeres, passarelas) e instalação de empreendimentos de lazer (restaurantes, hotéis, parques temáticos, aquários), quanto pela reinvenção de práticas, com sua devida adaptação à praia ou ao mar. Como exemplo, Augustin (2007) descreve o caso de Lacanu-Ôcean, no sudoeste francês, e aponta como marca das mudanças a instituição de práticas múltiplas, entre elas, e em destaque, as esportivas.

Os esportes na praia e no mar são interessantes indicadores para entender a massificação do gosto por esses ambientes. Praticados tanto por profissionais como por amadores, o nível de organização estabelece circuito mundial de lugares à beira-mar destacáveis para as práticas de distintos esportes. Os praticantes profissionais participam de eventos nacionais e internacionais, produzidos por entidades confederativas e, geralmente, organizados em circuitos em praias pré-selecionadas. No caso dos praticantes amadores, há sensíveis diferenças. Primeiro, há um número superior de adeptos sem vínculos a associações ou a entidades promotoras. Segundo, é maior o número de praias, selecionadas em função das condições naturais (intensidade dos ventos, altura e frequência das ondas etc.), das

materialidades construídas (infraestruturas de acesso, meios de hospedagem etc.) e das imaterialidades (difusão de imagens dos lugares em mídias sociais etc).

Na representação a seguir, estão demarcadas as sedes de etapas mundiais de diferentes modalidades: *surf*, *kitesurf*, *windsurf*, *bodyboard*, natação em águas abertas, *beach soccer* e vôlei de praia. Percebe-se uma concentração nos litorais europeus, assim como nas costas tropicais da América do Sul e da Oceania, com destaque para os litorais de Portugal, Espanha, Brasil e Austrália (Figura 1). Formam-se praias-arquétipos, modelos conhecidos mundialmente. Especificamente, podem-se citar: Pipeline (Hawaii), Gold Coast (Austrália), Saquarema e Copacabana (Rio de Janeiro-Brasil), Papeete (Taiti) e Praia Grande (Portugal).

Figura 1 – Circuitos mundiais de esportes litorâneos



Fonte: World Surf League, Professional Windsurfers Association, Association of Professional Bodyboarders, World Kiteboarding League, Fédération Internationale de Natation e Federação Internacional de Futebol.

Trata-se de lugares escolhidos pelos principais praticantes desses esportes, atletas que inspiram amadores a praticarem essas modalidades. Tais eventos esportivos impactam positivamente o fluxo de turistas e vilegiaturistas, posto deslocarem-se dos mais variados continentes em direção a essas e outras praias com condições ambientais semelhantes.

Os esportes são representativos no conjunto de atividades desenvolvidas nos ambientes marítimos, todavia há um grupo complementar que incrementa o número e a variedade dos frequentadores das praias. Nas praias brasileiras, diariamente, observam-se outras práticas marítimas contemporâneas: o bronzearmento (banho de sol, relatado por Urbain em 1994, no caso francês), os treinos funcionais, o frescobol, o futevôlei, entre outros. Já no mar, a multiplicidade é maior e inclui atividades com uso de equipamentos motorizados, pranchas e embarcações (Quadro 1).

Quadro 1 – Diversidade de práticas na praia e no mar

Práticas e esportes náuticos/marinhos	Práticas e esportes na praia (zona de areia)
<i>Surf, windsurfe, kitesurf, stand up pedal, jet-ski, canoagem, remo, triatlo, banho, iatismo, pesca esportiva, mergulho e caça submarina, wakeboard, caiaque, esqui aquático, bodyboarding e natação.</i>	Futebol de areia (<i>beach soccer</i>), vôlei de praia, futevôlei, peteca, frescobol, bronzearmento e treinos funcionais.

Fonte: pesquisa documental e trabalhos de campo no período 2015 a 2017.

O processo de reinvenção e produção de práticas marítimas contemporâneas se dá em virtude da abertura à mundialização das zonas de praia. São espaços de recepção de *vacanciers* internacionais, metropolitanos e autóctones. As praias tornam-se espaços de convergência e trocas culturais. Blondy (2013), ao estudar as práticas nas praias da Polinésia francesa, chega a interessantes conclusões a esse respeito. A autora detecta, entre turistas internacionais, metropolitanos e locais, práticas diferenciadas. No caso daquelas onde se concentram os autóctones, a praia é utilizada como lugar do

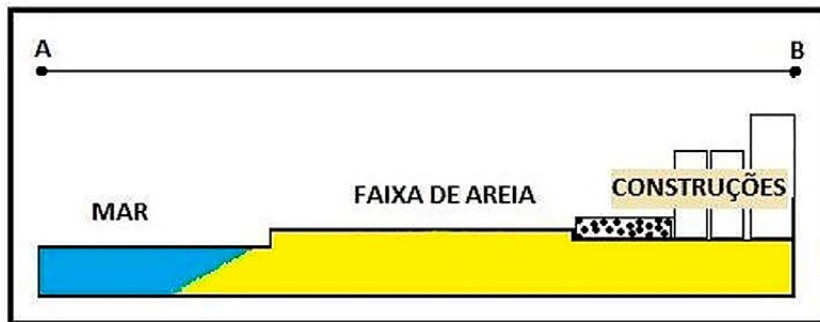
encontro, e não se estabelecem necessariamente práticas de lazer. Em praias públicas da ilha, constituem-se práticas híbridas, ou seja, as mundiais (os esportes, por exemplo) e as tradicionais (pesca) estabelecem convivência. O terceiro tipo constatado são as praias urbanas, também chamadas de ocidentais. Neste caso, quanto mais urbanizada, menos práticas tradicionais são perceptíveis.

Sem descartar as constatações de Blondy (2013), no caso das praias brasileiras turistificadas, a disseminação das práticas alcança também os alóctones. Estes praticam, reinventam atividades e incorporam-nas como possibilidade de lazer, especialmente as faixas etárias mais jovens. Além da dialética social, outras dimensões são relevantes condicionantes. Nesse sentido, é preciso destacar as características naturais dos ambientes praianos, que desempenham papel fundamental na atratividade de dadas praias.

Para os trópicos, em especial o litoral do Nordeste do Brasil, o clima e a geomorfologia favorecem a diversidade de práticas anteriormente indicadas. A zona de espraçamento é o que, popularmente, se denomina praia. Tecnicamente, é demarcada pela variação das marés, ou seja, “onde ocorrem os processos de fluxos (*swash*) e refluxo (*backwash*) das ondas, sendo que sua análoga morfológica é a face praial” (Silva, 2006, p. 24). Em relação às ondas, a referida autora define sua origem como local ou do tipo *sea*, com “altura média significativa de 1,1m, frequência de 5s e período de 15m” (Claudino Sales, 2007, p. 239). Predominam os sedimentos arenosos, que são atrativos. Quando o mar “cede lugar”, os estirâncios se mostram mais largos.

Inspirando-se em metodologia de Blondy (2013), estabeleceu-se observação *in loco* durante trabalhos de campo nas praias metropolitanas de Fortaleza (CE), no período 2015 a 2017. Dessa forma, identificou-se o trinômio localização / usuário / prática no espaço da praia.

Figura 2 – Modelo genérico de faixa de praia

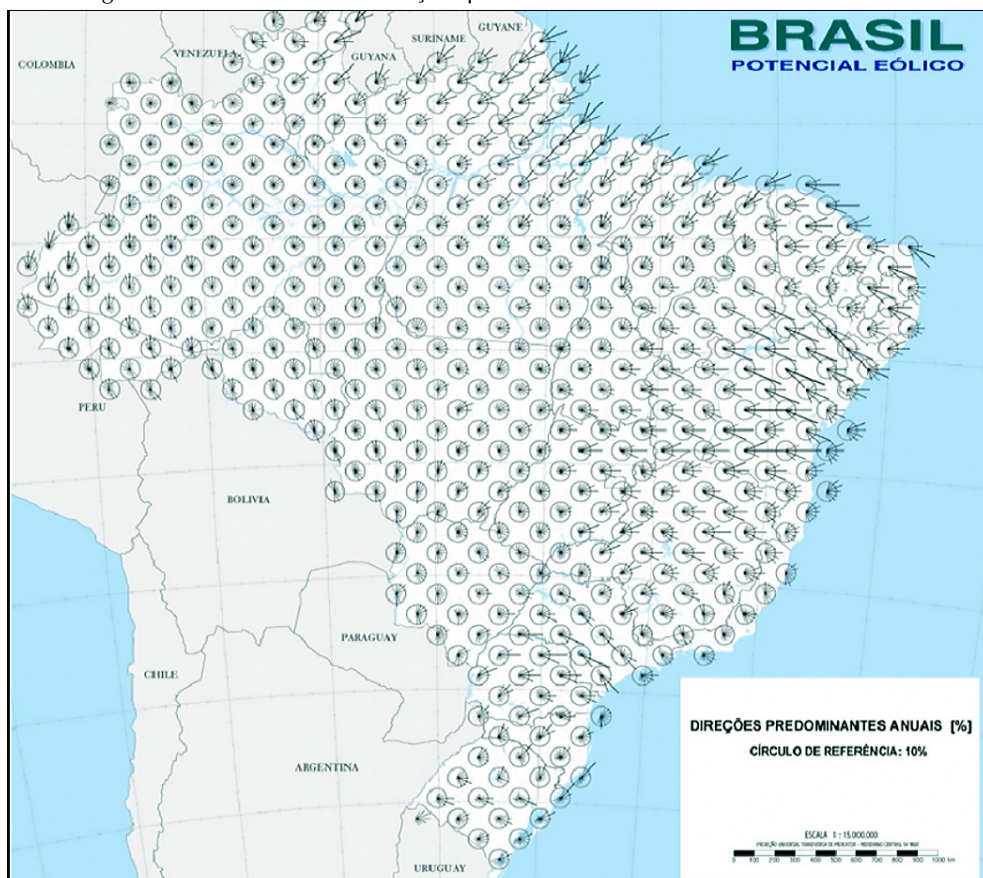


Fonte: trabalho de campo. Elaborado pelos autores.

A representação gráfica da Figura 2 auxilia na localização das práticas. No ponto A, espaço predominantemente aquático-marítimo, onde as ondas se formam, destacam-se os esportes *windsurf*, *kitesurf*, *surf*, *bodyboard* e natação. A velocidade e a continuidade dos ventos contribuem sobremaneira para o desenvolvimento desses esportes. Na zona das águas calmas, próxima aos sedimentos de areia, o banho de mar é a principal prática marítima, capaz de reunir crianças e adultos. A terceira zona é a da areia, a faixa de praia. Nela concentram-se dezenas de práticas. Dentre as predominantes, apontam-se o banho de sol, vôlei de praia, futevôlei, *beach soccer*, frescobol e brincadeiras infantis. A última área apontada é da retaguarda e dos serviços que garantem a permanência dos usuários. Composta por passeios, vias à beira-mar e também restaurantes, hotéis, pousadas, *resorts*, parques temáticos. São espaços que ampliam as possibilidades de lazer, gastronomia e sociabilidades. As áreas submersas onde os usuários praticam o banho de mar são denominadas de zona de arrebentação e zona de surfe. A primeira é caracterizada pelo processo de desestabilização e quebra das ondas; na segunda, continuidade da primeira, ocorre a dissipação da energia das ondas. Além dessas características, a temperatura das águas marinhas se mantém confortável ao banho durante todo o ano, fato decorrente do fluxo de calor latente “três vezes superior ao dos mares de latitudes elevadas” (Conti, 2010, p. 4).

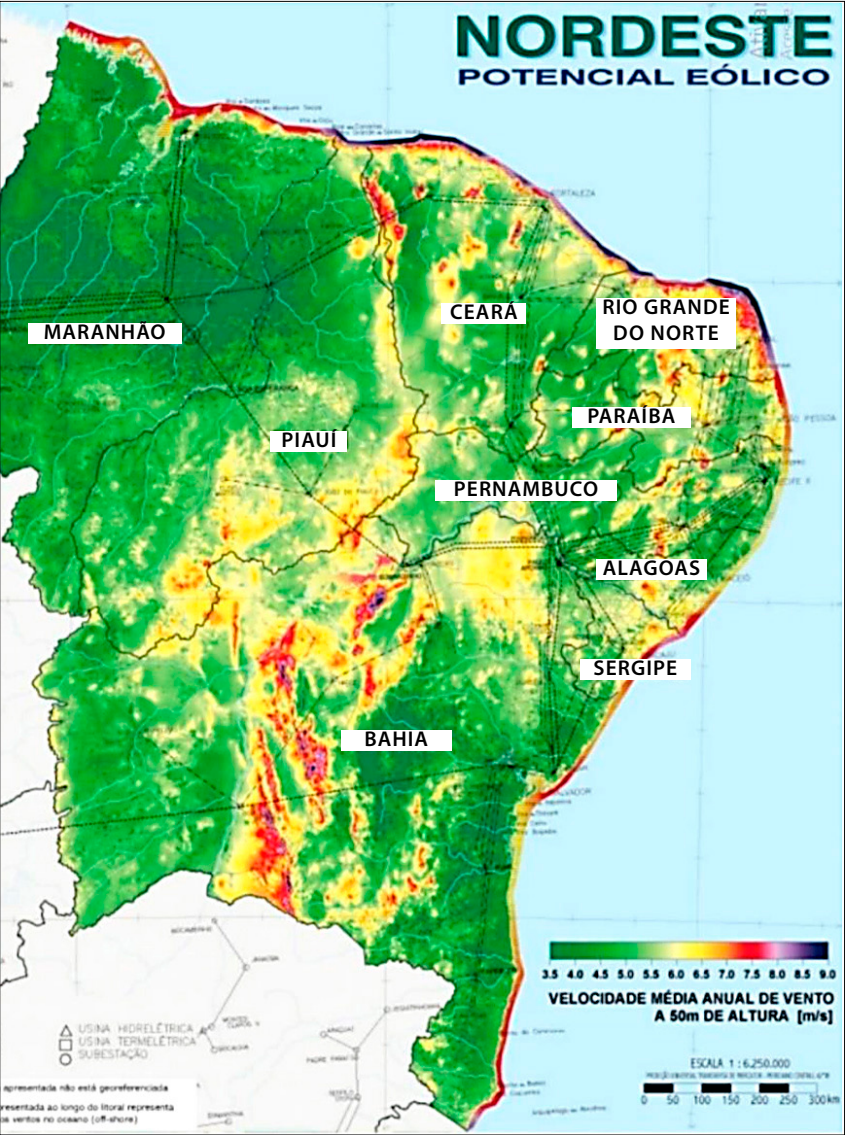
As temperaturas elevadas são amenizadas pelos ventos e brisas constantes. De acordo com Moura (2008), a velocidade média normal do fluxo do ar é igual a 3,7 m/s, com picos de 4,6 m/s registrados nos meses de setembro e outubro. As Figuras 3 e 4 demonstram, para o caso brasileiro e mais especificamente, do Nordeste, a forte e constante incidência de ventos na zona costeira. As condições climáticas associadas aos ventos permitem a inserção do Nordeste brasileiro no “circuito mundial” das regiões apreciadas e visitadas por praticantes de esportes náuticos relacionados a prancha e a vela, destacando-se o *kitesurf*.

Figura 3 – Ventos no Brasil: direções predominantes anuais



Fonte: Atlas do Potencial Eólico.

Figura 4 – Velocidade anual dos ventos no Nordeste do Brasil



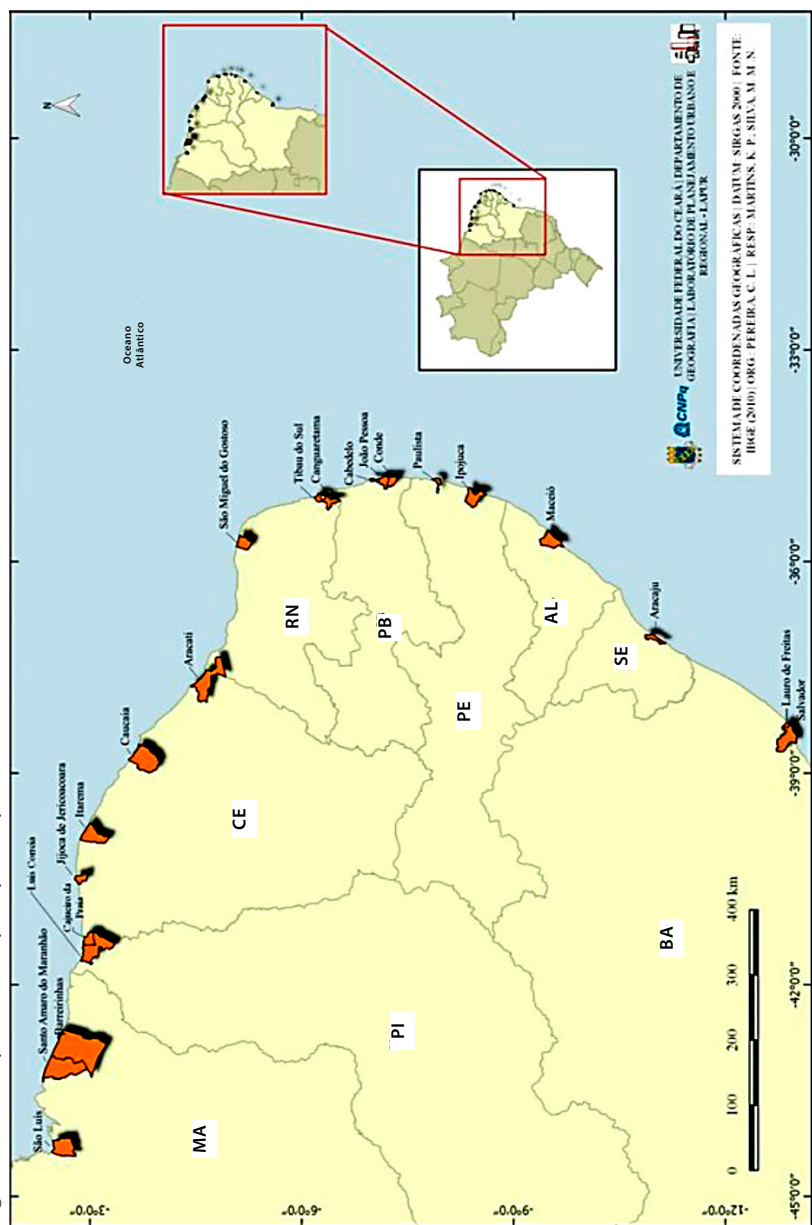
Fonte: Atlas do potencial eólico.

O *kitesurf* no Nordeste e no Ceará

Pesquisadores do Grupo de Estudos Urbanização Litorânea, do Laboratório de Planejamento Urbano e Regional, utilizando-se de consulta a sites eletrônicos, revistas especializadas e jornais esportivos, detectaram os municípios nordestinos com maior atração e recepção de praticantes de *kitesurf*. Evidenciam-se 21 municípios cujas praias são privilegiadas por praticantes profissionais e amadores. Na Figura 5, é possível observar lugares selecionados por kitesurfistas em todos os estados da região Nordeste do Brasil. As praias apontadas são ícones, polos, espaços de maior intensidade e predominância, fato que não exclui a possibilidade de incorporação contínua de novos trechos litorâneos.

Para o caso do litoral do estado do Ceará, Nordeste do Brasil, a disseminação da prática do *kitesurf* constituiu rede de praias e de vilarejos anteriormente destinada à vilegiatura (Pereira, 2014). Essas localidades litorâneas tornam-se pontos de apoio ao desenvolvimento de percursos longos, velejados de Cumbuco (Caucaia) a Jericoacora (Jijoca de Jericoacoara). Os praticantes percorrem mais de duas centenas de quilômetros com suas pranchas e “pipas”, selecionando lugares para descanso e reorganização do roteiro (Figura 6). Assim, utilizam-se de segundas residências, hotéis, pousadas e demais infraestruturas turísticas.

Figura 5 – Principais municípios para a prática do kitesurf no Nordeste



Fonte: sítios eletrônicos.

Google Maps, com a intenção de identificar a disponibilidade de pousadas e/ou hotéis, lojas, oficinas ou escolas de instrução voltadas para os velejadores.

O kitesurfe demanda infraestrutura relativamente mais qualificada em relação a outras práticas à beira-mar comuns ao litoral nordestino. Trata-se de lojas e oficinas que propiciam reparos nos materiais utilizados na prática esportiva, escolas de instrução de aprendizes, como também meios de hospedagem especificamente criados para tal prática (recolhimento do equipamento esportivo e serviços de transporte até locais propícios à prática). Há vários casos em que os proprietários dos empreendimentos são praticantes ou ex-praticantes, o que possibilita a criação de serviços especializados e atrai maior clientela. Com base nos dados do Ministério do Turismo, o Quadro 2 lista a classificação turística dos municípios com maior incidência de praticantes de kitesurfe e, respectivamente, o número de empreendimentos preparados para atender os praticantes.

Quadro 2 – Municípios nordestinos com maior incidência de praticantes de kitesurfe e suas respectivas categorizações turísticas

Estado	Cidade	Categorização turística	Número de empreendimentos
MA	Barreirinhas	C	1
MA	São Luís	A	1
MA	Santo Amaro do Maranhão	D	0
PI	Cajueiro da Praia	D	4
PI	Luís Correia	C	2
CE	Caucaia	B	7
CE	Itarema	D	4
CE	Jijoca de Jericoacoara	B	9
CE	Aracati	B	1
RN	São Miguel do Gostoso	C	1
RN	Tibau do Sul	B	2
RN	Canguaretama	C	1
PB	Cabedelo	C	1

(conclusão Quadro 2)

Estado	Cidade	Categorização turística	Número de empreendimentos
PB	João Pessoa	A	1
PB	Conde	C	0
PE	Ipojuca	A	0
PE	Paulista	A	1
SE	Aracaju	A	0
AL	Maceió	A	1
BA	Lauro de Freitas	C	1
BA	Salvador	A	3

Fonte: Ministério do Turismo (MTur, 2015). Elaborado por Claudio Pereira.

Os esportes de natureza praticados à beira-mar reconfiguram, sobretudo em virtude dos fluxos de esportistas amadores, tanto municipalidades reconhecidamente bem estruturadas turisticamente, como novas destinações em estados e municipalidades em estruturação. Dessa forma, a disseminação de práticas marítimas como o kitesurfe tem duplo efeito espacial: i) incrementa o rol de atividades e atrativos nas costas (polos) consolidadas e receptivas a outras práticas marítimas modernas, como Salvador (Costa dos Coqueiros) e Fortaleza (Costa do Sol Poente); e ii) insere vilarejos e novos balneários (Cajueiro da Praia, no Piauí, e Barreirinhas, no Maranhão, por exemplo) na lógica de valorização dos espaços litorâneos, adicionando-os à rede de lugares urbanizados em virtude de práticas de lazer e dos fluxos de cidadãos originários de aglomerações urbanas de outras regiões e nacionalidades.

Parques aquáticos no mundo e no Brasil

Nos países do capitalismo central, o número de parques e de visitantes indica sua importância para o lazer e, sobretudo, para a economia dos lugares. EUA, Japão e Europa representam as principais bacias receptoras e emissoras. Contudo, a China, como em outras atividades, fortalece sua relevância no sudeste asiático.

De forma semelhante aos dados de fluxo turístico internacional, o Brasil apresenta uma posição periférica tanto pelo número de parques temáticos como pelo número de seus visitantes.

O relatório *Theme Index and Museum Index* (TEA; Aecom, 2017) exprime, inexoravelmente, a relevância da corporação Walt Disney Co. Dos dez parques mais visitados, oito levam a marca do Mickey Mouse (Quadro 3). A Ásia representa importante mercado, e a Europa aparece a seguir. Ainda de acordo com o relatório, entre os 25 mais visitados, estão parques localizados na Coreia do Sul, Hong Kong, Singapura, França, Alemanha, Holanda e Dinamarca.

Segundo Clavé (1999), a façanha de Walt Disney foi transformar o parque em experiência turística, haja vista o alongamento da estada e, principalmente, o gasto médio por turista. Com os mesmos princípios de planejamento, em Orlando, na Flórida (EUA),

os grupos Disney e Universal produziram um aglomerado de parques, uma megaespacialidade de lazer. Além desses dois, grupos internacionais como Merlin (britânico) e Parques Reunidos (espanhol) buscam novos mercados para construir ou comprar parques, inclusive em associação com grupos locais.

Quadro 3 – Os dez parques mais visitados e a variação no número de visitantes entre 2016 e 2017

Parque e localização		Crescimento (%)	2017 (mil)	2016 (mil)
1	Magic Kingdom, Walt Disney World, Lake Buena Vista, FL, US	0,3	20.450	20.395
2	Disneyland, Anaheim, CA, US	2	18.300	17.943
3	Tokyo Disneyland, Tokyo, Japan	0,4	16.600	16.540
4	Universal Studios Japan, Osaka, Japan	3	14.935	14.500
5	Tokyo Disneysea, Tokyo, Japan	0,3	13.500	13.460
6	Disney's Animal Kingdom, Walt Disney World, Lake Buena Vista, FL, US	15,3	12.500	10.844
7	Epcot, Walt Disney World, Lake Buena Vista, FL	4,2	12.200	11.712
8	Shanghai Disneyland, Shanghai, China	96,4	11.000	5.600
9	Disney's Hollywood Studios, Walt Disney World, Lake Buena Vista, FL, US	-0,5	10.722	10.776
10	Universal Studios, Universal Orlando, FL, US	2	10.198	9.998

Fonte: TEA e Aecom (2017).

Como estratégia de expansão, Marc (2006) lembra a associação de grupos estadunidenses com outros grupos a fim de expandir as fronteiras, como a abertura do parque Disney no Japão, nos anos 1980, e na França, nos anos 1990 (Altman, 1999; Deville Chabrolle, 1999). Por outro lado, a concorrente Universal foi a primeira corporação a abrir negócios na China, mas podem ser lembrados os casos da Warner Bros e da Viacom/Paramount Pictures. Por condições demográficas, abertura cultural e poder de compra, o continente asiático tornou-se espaço privilegiado, sobretudo Japão, Coreia do Sul e, destacadamente, a China.

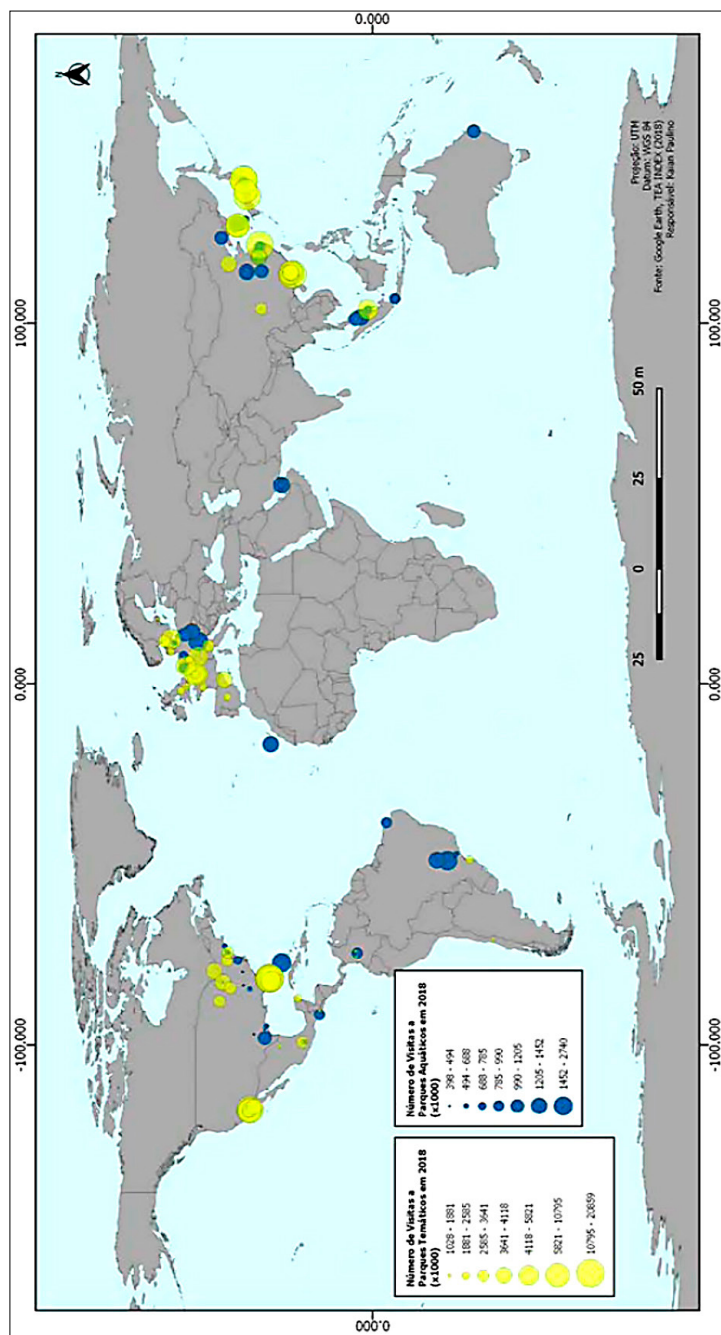
Os dados atualizados do *Theme Index and Museum Index* (TEA; Aecom, 2018) demonstram os três grandes polos mundiais de parques. Os mais importantes são a costa leste americana, a Europa ocidental e o leste asiático. Nesses espaços, os parques temáticos chegam a 20 milhões de visitantes por ano. Já os parques aquáticos, comuns na zona tropical, recebem no máximo 2,7 milhões anuais (Figura 7).

Para explicar essas localizações, Brunel (2017) relaciona o processo de mundialização ao de *moyennisation*, ou melhor dizendo, ao crescimento da classe média emprestando vigor ao mercado consumidor. De acordo com a autora, os parques fazem uma justaposição de universos reconstruídos para proporcionar a ilusão do real. Evidencia-se a potência do setor turístico, posto ser capaz de articular, num dado lugar, a ideia de sucessão de lugares (múltiplas escalas).

De acordo com Marc (2006), em média, um em cada dois europeus costuma visitar parques pelo menos uma vez ao ano. Os americanos, por sua vez, mais de uma vez ao ano. Em termos gerais, o perfil social dos visitantes é constituído por famílias e adolescentes. Para o caso do parque espanhol Port Aventura, um quarto dos milhões de visitantes é de estrangeiros, e, aproximadamente, três milhões (2/3) moram a duas horas e meia de distância do parque (Marc, 2006). Na França, os cinco maiores parques captam 80% de apreciadores desse tipo de atração: Parc Walt Disney Studios (43 km de Paris), Disneyland Paris (42 km), Parque Astérix (46 km), Puy du Fou (382 km) e Futuroscope (322 km) (Brunel, 2017; Cazes, 1988).

A classificação dos parques depende, majoritariamente, das variáveis magnitude do investimento, dimensão do projeto, competência, preços, condições ambientais e qualidade da gestão (Clavé, 1999). A partir desses aspectos, é possível correlacionar sua localização e abrangência, se regionais (quando atendem população próxima – de até 2 horas de deslocamento de automóvel) ou de destino turístico (quando recebem fluxo turístico nacional e internacional).

Figura 7 – Números de visitantes nos principais parques temáticos e aquáticos (2018)



Fonte: TEA e AECOM (2018).

Ao expor resultados de pesquisas acerca dos parques aquáticos na Espanha, Marc (2006) lembra as particularidades do meio aquático como forte atrativo e apelo turístico, por exemplo, nos espanhóis Port Aventura e Costa Caribe. Contudo, há algo em torno de 36 parques dessa natureza concentrados na costa sudeste do país (Marc, 2006).

Por sua vez, os parques aquáticos representam um segmento importante dos parques de diversão. As atrações baseadas em toboáguas e mergulhos rápidos, correntezas e praias artificiais demonstram a importância da água como elemento lúdico e de lazer. Para Marc (2006), os parques oferecem uma alternativa ao prazer derivado do mar e associam-se, a partir dos anos 1970, à invenção e/ou adaptação de várias práticas esportivas náuticas ou aquáticas. Ao mesmo tempo, a fim de evitar a perda de atratividade, há um movimento contínuo de inovação e modernização dos espaços internos ao parque, com lançamento de “brinquedos”, shows e promoções.

Os parques no Brasil e suas dimensões urbana e regional

A relevância econômica e turística dos parques é ratificada pelo número de parques e visitantes, pela distribuição mundial e, sobretudo, pelo poderio econômico das corporações de entretenimento envolvidas. Os parques não são simples lugares turísticos (Behar-Bannelier, 2008), tampouco é irrelevante sua relação com o processo de crescimento das franjas urbano-metropolitanas e/ou impactos urbanos em bacias regionais.

A localização dos parques explica-se pela simultaneidade de condições. A primeira, a situação geográfica favorável, refere-se à possibilidade de acesso a partir das aglomerações urbanas; e a segunda, de caráter indutor, é o processo de incorporação de áreas, reorganizadas em formas e funções urbanas. Baron-Yelles e Clavé (2014) mencionam que tais escolhas locais se relacionam dialeticamente pela separação e dependência (localização isolada – indução – crescimento da cidade – preço do solo – novos zonea-

mentos). É evidente que há exceções, haja vista o isolamento locacional explorado como potência atrativa por determinados modelos de parques temáticos (Brunel, 2017). Autores como Clavé (1999, p. 96) advogam pela primazia de análises que destacam o caráter urbanizador dos parques, posto que, “semelhante à cidade, um parque é, fundamentalmente, um espaço de concentração de população, de realização de funções, de localização de equipamentos e de prestação de serviços, contudo, seu caráter urbano é fictício”. A construção e o funcionamento desses empreendimentos de lazer têm uma série de consequências mundialmente registradas: (i) ampliam áreas comerciais, hotéis e zonas de entretenimentos; (ii) agregam-se e formam um complexo turístico mais amplo; (iii) influenciam o redesenho de práticas de planejamento do uso do solo, gestão dos fluxos energéticos, transporte, comunicação, gestão de águas e resíduos e conservação dos espaços; e (iv) grupos proprietários são capazes de associar-se ao Estado e adquirir “poderes” de organização e gestão do espaço urbano, inclusive de espaços públicos (Clavé, 1999). Em abordagem próxima à anterior, Marc (2006) destaca a localização periurbana desses espaços fechados de lazer, que demonstra, nos casos europeus, a tendência de parques médios pela construção de *resorts* e hospedagens no entorno. Ao investigar os parques Disneyland e Futuroscope na França, Baron-Yelles e Clavé (2014) defendem a hipótese de que o modo de pensar os parques influencia o modo de pensar a cidade, a urbanidade e o lazer. Para os autores, a ideia aplicada aos parques representa um microcosmo e um laboratório para ações (*design*, vocábulos, imagens, formas) aplicadas a outra escala, a da metrópole. Tais infraestruturas de lazer representariam a modernização da metrópole.

Essas transformações não acontecem por acaso, haja vista o alinhamento e o compromisso público para a existência de parques como os estudados. Tanto para a Disneyland Paris como para o Futuroscope, Baron-Yelles e Clavé (2014) detectam uma forte transformação do entorno, nas cidades e nos bairros, diretamente relacionada aos parques. Verifica-se espacialização e grande número de

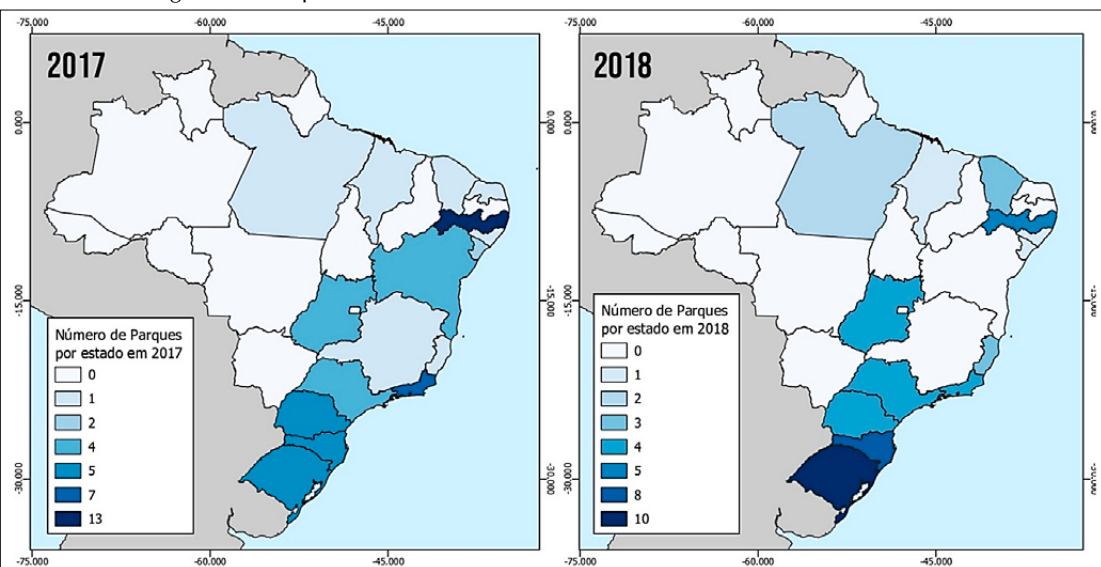
serviços urbanos alimentados por infraestruturas de transporte. O modelo de crescimento suburbano é evidente (Baron-Yelles, 2006). Pensando no Brasil, qual a importância e como estão distribuídos os parques temáticos e aquáticos? Em que aspectos há, de fato, relação entre a localização desses empreendimentos e o crescimento urbano e turístico? Para apontar possíveis respostas a essas questões, indica-se a metodologia analítico-sintética, alicerçada a partir de duas escalas, a regional-nacional e a das aglomerações urbanas.

Brasil: parques e distribuição regional

De acordo com registros do Ministério do Turismo, o Brasil contava com 50 parques temáticos em 2018, seis a menos que no ano anterior. A maior mudança se deu na região Nordeste, onde esse número caiu de 23 em 2017 para 11 em 2018. Movimento inverso ocorreu na região Sul, onde se acrescentaram sete parques entre 2017 e 2018, totalizando, recentemente, 22 (Figura 8). De modo geral, a diminuição representa o descredenciamento dos pequenos parques ou até mesmo o fechamento das empresas. Mas, tanto em relação ao tamanho como à capacidade de modernização, os parques brasileiros são modestos frente aos americanos, europeus e asiáticos.

O mapeamento do número de parques por estado dá uma primeira aproximação dessa geografia no Brasil. Os estados com maior número de parques são Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Pernambuco, respectivamente, dez, oito e cinco parques. Nas regiões Norte e Centro-Oeste, essa tipologia de empreendimentos de lazer concentra-se num estado, respectivamente, Pará e Goiás. Além desses dados, é necessário considerar as informações relativas ao tamanho e à relevância nacional e regional, sobretudo ao número de visitantes anuais. Assim, os parques temáticos brasileiros podem ser classificados de acordo com sua capacidade de interação espacial; em outros termos, em função da abrangência originária do fluxo de visitantes. Cerca de 80% dos parques atendem ao lazer de populações de cidades próximas, em média, a duas horas de deslocamento por automóvel.

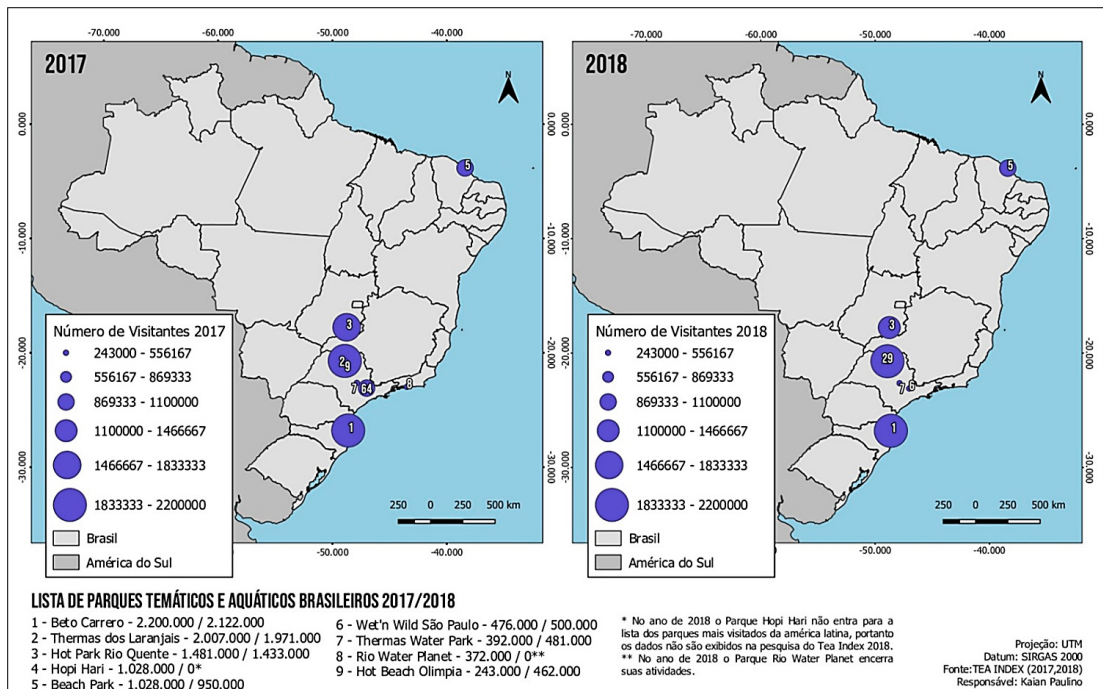
Figura 8 – Parques de diversão no Brasil (2017 e 2018)



Fonte: Brasil (2018).

Das dezenas de parques cadastrados no Ministério do Turismo, os dados do TEA e Aecom (2017) destacam nove de abrangência regional ou nacional, que recebem entre 243 mil e 2,2 milhões de visitantes/ano. Em 2018, o número cai para sete, em virtude do fechamento do parque Rio Water Planet (RJ) e de problemas técnicos/financeiros do Hopi Hari (SP). Conforme a Figura 9, quatro são os principais polos a sediar os parques temáticos e/ou aquáticos no Brasil: (i) Penha, em Santa Catarina, sede do Beto Carrero World (2,1 milhões de visitantes/ano); (ii) Olímpia, no noroeste paulista, base dos parques Thermas dos Laranjais (1,9 milhões de visitantes/ano) e Hot Beach Olímpia (462 mil visitantes/ano); (iii) Aquiraz, no Ceará, Região Metropolitana de Fortaleza, onde se localiza o Beach Park (950 mil visitantes/ano); e, por fim, (iv) Rio Quente, em Goiás, sede do Hot Park Rio Quente (1,4 milhões de visitantes/ano).

Figura 9 – Visitantes em parques temáticos e aquáticos brasileiros (2017 e 2018)



Fonte: TEA e Aecom (2018).

Entre os polos mencionados, pode-se estabelecer uma subdivisão baseada na origem do fluxo de turistas, resultando em duas categorias. A primeira inclui os parques com forte dependência de um estado ou de uma região próxima. Nessa categoria, estão os parques em Olímpia e em Rio Quente. Dados do Convention & Visitor Bureau, indicam que, em 2014, em Olímpia, cerca de 82% dos visitantes residiam no estado; já em Rio Quente, 63% dos visitantes eram paulistas e 13,5%, do Distrito Federal (Carvalho, 2015). A proximidade e o fácil acesso às grandes bacias urbanas, localizadas em importantes centros econômicos do país, concorrem para entender esse quadro. A segunda categoria é a dos parques com atratividade turística nacional, na qual estão classificados o Beto Carrero World e o Beach Park. Estes são importantes âncoras turísticas dos seus

respectivos estados, estão no roteiro de pacotes das operadoras nacionais de turismo e, por consequência, recebem turistas de todas as regiões do país e, em menor número, do estrangeiro (Santos, 1997; Rodrigues, 2016).

No que tange ao tema, o elemento água é o componente fundamental das atrações. Tanto o Thermas como o Hot Park, situados em regiões continentais, constituíram-se a partir de antigas estações de águas termais. O Beach Park, por sua vez, é integralmente baseado em elementos aquáticos e, sobretudo, fica à beira-mar, inclusive com estrutura de serviços na zona de praia. O Beto Carrero World é o mais diversificado, com diferentes estímulos à diversão (brinquedos mecânicos, zoológico, shows temáticos), incluindo atrações baseadas no meio aquático (Figura 10).

Indiretamente, o Beto Carrero World vincula-se à maritimidade, dada sua instalação no balneário marítimo de Armação, a um quilômetro da zona de praia. Assim como no Beach Park, os pacotes turísticos, geralmente, associam roteiros que incluem estada nas principais praias (Florianópolis e Balneário Camboriú) e pelo menos um dia de visita ao parque.

Figura 10 – Mosaico de imagens e representações das atrações dos parques



Legenda: (1) Representação gráfica do parque Thermas dos Laranjais; (2) Figuração das atrações do Beto Carrero World; (3) Visão geral do parque Hot Park Rio Quente; (4) Marca reconhecida do Beto Carrero World e suas atrações; (5) Visão dos toboáguas e da zona de praia do Beach Park.

Fonte: (1) <https://www.acquathermas.com.br>. (2) e (4) <https://www.betocarrero.com.br>. (3) <https://www.rioquente.com>. (5) <https://www.beachpark.com.br>

2



5



Os parques, o urbano e o metropolitano

Em casos como a mancha urbana de Orlando, ou mesmo cidades da Île-de-France, os parques temáticos induziram transformações urbanas e regionais de grande magnitude.

Para o caso americano, Clavé (1999) descreve o impacto da companhia Disney na organização espacial de mais de 1.100 hectares. A empresa de entretenimento recebeu condições diferenciadas de gerir o espaço urbano conforme suas necessidades, inclusive possibilidade de controle do zoneamento do uso do solo e regulação administrativa. Vislumbra-se um modelo de planejamento e gestão urbana baseado em estratégias empresariais.

No Brasil, não são percebidas transformações da mesma grandeza e direcionamento; porém, é verificável a relevância urbana dos parques para as municipalidades onde eles estão localizados. O perfil populacional dos municípios varia entre o pequeno Rio Quente, com população estimada em 4,4 mil habitantes, e o município metropolitano de Aquiraz, com 80 mil.

As condições socioeconômicas sintetizadas pelos indicadores salário médio, produto interno bruto (PIB) *per capita* e índice de desenvolvimento humano (IDH) municipal apontam condições semelhantes nos municípios do Centro-Sul e superiores aos dados constados no município cearense (Tabela 1).

Tabela 1 – Dados socioeconômicos dos municípios-sede dos parques temáticos

Município de localização dos parques	População estimada em 2019	Salário médio (em salários mínimos)	PIB <i>per capita</i> em 2017 (mil)	IDH municipal 2010
Penha	32.531	2,2	21,7	0,743
Rio Quente	4.493	2,2	74,6	0,731
Olímpia	54.772	2,8	38,3	0,773
Aquiraz	80.271	1,9	27,8	0,641

Fonte: IBGE (2020).

O fluxo anual de visitantes atraídos pelos parques frente ao número de habitantes dos municípios é um interessante indicador do impacto socioespacial. O Beach Park recebe anualmente 12,8 vezes a população de Aquiraz; Thermas dos Laranjais, 36,5 vezes a população de Olímpia; Beto Carrero World, 67 vezes a de Penha; e o Hot Park, 318 vezes a população de Rio Quente. Esses fluxos remetem à necessidade de transformações, sobretudo face à construção de empreendimentos turísticos e imobiliários nas áreas do entorno dos parques.

A cidade de Olímpia contava, em 2010, com 3 mil leitos de hospedagem, e, em 2018, o número foi elevado para 22,7 mil leitos. Essas mudanças são explicadas pela construção de 6 *resorts*, 22 hotéis, 55 pousadas, 2 hotéis-fazenda e 2 *hostels*, e, igualmente, constata-se formas modernas de aquisição do direito de uso de imóveis, como o modelo multipropriedade (Toledo, 2020). A outra estação de águas termais, Rio Quente, é o destino turístico com maior nível de organização no referente às demandas turísticas nacionais e internacionais. Além disso, apresenta 45,46% dos seus domicílios na categoria de uso ocasional, a maioria em *flats*, hotéis-residências, condo-hotéis e na forma de segunda residência tradicional (Carvalho, 2015).

No caso dos parques Beto Carrero World (BCW) e Beach Park (BP), há sensíveis diferenças na organização espacial de seus respectivos entornos. Por um lado, percebem-se impactos construtivos que seguem padrão de estação balnear, ou seja, aglomeração de residências secundárias, empreendimentos imobiliários-turísticos, além de outros meios de hospedagem. Por outro lado, a relevância dos fluxos turísticos atraídos pelos parques dilui-se ou reverbera em contextos urbano e regional mais amplos.

O município de Penha, e, mais especificamente, a praia de Armação, sedia o BCW e apresenta rebatimentos econômicos e turísticos a ponto de a cidade ser intitulada como cidade do turismo de parque temático. Entretanto, além da área ocupada pelo parque (mais de 1,5 milhões de m²), são constatados meios de hospedagens modestos, como pousadas e pequenos hotéis.

Além das distâncias, as infraestruturas de acesso facilitam os deslocamentos aéreos (aeroportos de Florianópolis e de Navegantes) e por terra, pela rodovia costeira BR-101 (Figura 11).

Map of Santa Catarina state, Brazil, showing the location of Beto Carrero. The map includes major cities, roads, airports, and the coastline. Beto Carrero is marked with a yellow dot near the border with Rio de Janeiro. The map also shows the coastline, major roads, and airports. A legend in the bottom right corner identifies symbols for roads, Beto Carrero, airports, urban areas, and beaches. A scale bar and north arrow are also present.

Legend:

- Rodovias
- Beto Carrero
- Aeroportos
- Mancha Urbana
- Principais Balneários
- Santa Catarina

Scale: 0 to 20 km

Projection: UTM
Datum: Sirgas 2000
Fonte: IBGE 2015, Google Earth, DNIT
Responsável: Kaian Paulino

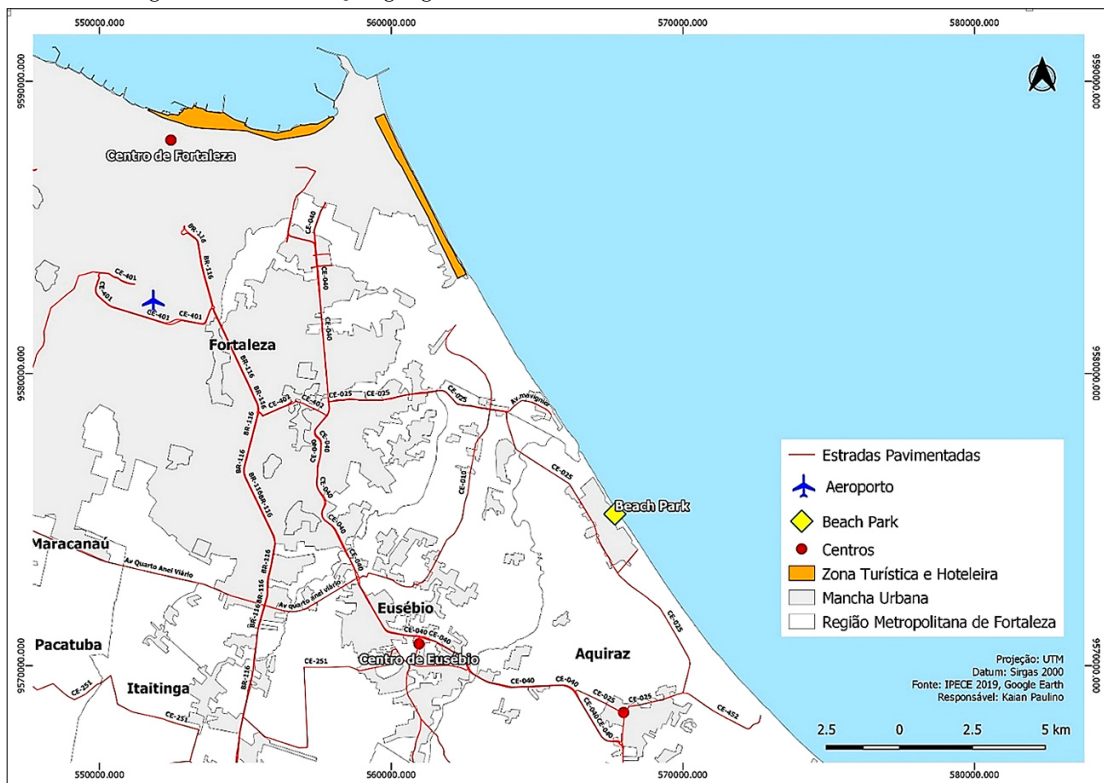
42

Ao mesmo tempo, vale lembrar a distribuição dos efeitos turísticos em circuito de balneários litorâneos, denominado Rota do Sol, incluindo as praias de Balneário Camboriú, Itapema, Bombinhas, Porto Belo, Itajaí e Balneário Piçarras. Assim, é compreensível o modelo baseado em hospedagem (estada) em qualquer uma dessas praias e deslocamento diário (sem pernoite) para visitação do parque.

A situação geográfica do Beach Park (BP) e os efeitos que ela exerce sobre a organização espacial de seu sítio urbano apresentam características híbridas em comparação com os demais casos descritos. A primeira diferença   sua inserção na tessitura de uma metrópole de mais de 3 milhões de habitantes, assim como a proximidade com a cidade de Fortaleza (23 km do aeroporto internacional e da principal zona hoteleira) (Figura 12). Essa localização permite que, pela rodovia CE-025, parte dos visitantes do BP visitem Aquiraz unicamente para usar o parque e se hospedem na capital do estado ou em outros balneários na metrópole, possibilidade que mostra os fluxos capazes de interconectar os espaços intrametropolitanos de lazer.

O BP deriva de um restaurante   beira-mar, ocupando megalote em parcelamento de terra constituído nos anos 1980; a diversificação das atrações e o reconhecimento nacional deram-se a partir dos anos 1990. Inicialmente, cercado por residências secundárias individuais (unifamiliares), nos anos 2000, os grandes lotes   beira-mar foram ocupados por residências verticais e *resorts*. O próprio grupo empresarial que administra o BP incrementou a estratégia e, além do entretenimento, incluiu-se na produção imobiliária e hoteleira, com a construção de empreendimentos total ou parcialmente integrados ao parque (Acqua Beach Park Resort, Suítes Beach Park Resort, Wellness Beach Park Resort e o Beach Park Oceani Resort) (Paiva; Diógenes, 2017).

Figura 12 – Localização geográfica do Beach Park



Fonte: IBGE (2020) e trabalho de campo.

Em entrevista divulgada no site da Associação para o Desenvolvimento Imobiliário e Turístico do Brasil (ADIT Brasil), Murilo Pascoal, CEO do BP, registra as transformações no plano de negócio do parque, destacando o crescimento em número de funcionários, visitantes e a abertura à hotelaria e ao imobiliário. Ao lembrar da importância do *Vacance Club* para a empresa, o gestor destaca o objetivo de expandir o número de apartamentos disponíveis, chegando a 1.000 unidades. Ao mesmo tempo, a entrevista demarca a importância da propriedade fundiária nos espaços litorâneos, visto a inexistência de lotes vazios contínuos ao parque. O entrevistado menciona os planos de construção de um novo parque, menor do que

o atual, também localizado em Porto das Dunas e com capacidade para 2.000 pessoas/dia (Cavalcante, 2020).

A partir da primeira década do século XXI, no balneário de Porto das Dunas, sob forte influência da imagem turística do BP, instalam-se diversos empreendimentos: Aquaville, Parque das Ilhas, Condomínio Porta Maris Resort, Vila do Porto Resort, Paraíso das Dunas, Oceani Beach Park, Atlantic Palace Apart-Hotel, Scopa Beach Resort, Beach Living, Beverly Hills, Condomínio Meditteranee, Condomínio Porta Firenze, Beach Way Residence, Condomínio TerraMaris, Condomínio Gransol, Condomínio Costa Blanca e, os mais atuais, Golf Ville Resort e os Mandaras Lanai e Kauai.

Inequivocamente, o gosto pelo mar e pelo marítimo, associado às sinergias positivas derivadas da constante atualização do parque, propiciou significativa dinâmica do mercado imobiliário e turístico (Pereira; Gomes, 2018; Pereira; Cunha, 2019). O parque e os empreendimentos turísticos e imobiliários são a base da produção do espaço nesse trecho do litoral. As empresas, por seleção espacial, repetem a prática da coesão, da interconectividade e das sinergias entre os empreendimentos de lazer.

Contudo, diferentemente das grandes operações urbanas dos parques em Orlando ou nos arredores de Paris, sobretudo no caso de Porto das Dunas, a transformação da área se dá pelo acréscimo de construções, mas sem redefinições urbanísticas que melhorem os espaços públicos (ruas, calçadas, passeios, praças, acesso à praia etc.). Os marcos básicos da ocupação se dão pelo loteamento dos anos 1980, e os serviços são de responsabilidade da administração municipal, inclusive com sérias reclamações pela falta de pavimentação, drenagem de ruas e mobiliário urbano.

Além das infraestruturas, outra marca da relação entre os parques e o Estado é a questão fiscal. Nesse sentido, tanto para ampliação como para funcionamento, há negociação constante a fim de convencer as administrações públicas a concederem isenções ou redução de alíquotas de impostos. O BP, por exemplo, para as futuras instalações, anunciou acordo com o estado do Ceará e com o município

de Aquiraz e garantiu isenção de 100% no Imposto de Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS), além de outros benefícios associados a impostos municipais (Imposto Sobre a Transmissão de Bens e Impostos – ITBI, Imposto Sobre Serviços – ISS e Imposto Predial e Territorial Urbano – IPTU). Do mesmo modo, a empresa J. B. World Entretenimentos, proprietária do BCW, requer à Prefeitura de Penha redução da alíquota do ISS de 5% para 2%, que renderia economia anual milionária.

Além das isenções fiscais, empréstimos a menor custo também marcam a relação desse tipo de empreendimento com o Estado brasileiro. Para sua ampliação, o parque localizado em Santa Catarina investiu, em 2019, cerca de R\$ 89 milhões, dos quais R\$ 50,4 milhões foram emprestados pelo Banco Nacional do Desenvolvimento (BNDES investe..., 2019).

Sem dúvidas, os parques, no Brasil, transformam os lugares a partir das instalações e da atração de empreendimentos voltados ao lazer, turismo e dinâmicas imobiliárias. Além disso, considerando a expressão urbana populacional dos municípios onde se localizam, é possível verificar a promoção de urbanização dos territórios. Não obstante, representam em primeiro lugar, *players* econômicos decisivos para as municipalidades, em razão dos serviços, e, em segundo lugar, seus dirigentes tornam-se agentes produtores do território, face ao crescimento do mercado hoteleiro e do imobiliário que induzem.

Marinas e campos de golfe nos balneários franceses e no Nordeste do Brasil

Escolhemos a França em virtude de sua diversidade de organizações territoriais consolidadas em torno das atividades de turismo e lazer, sendo as marinas um elemento de destaque nesse contexto, somadas aos campos de golfe (cuja concentração na ambiência litorânea gira em torno de 50% dos existentes no país). Nesse país, as cidades de Marseille (litoral mediterrâneo) e La Rochelle (litoral atlântico) representam essa diversidade, – a primeira delas com importância nacional e a segunda de porte regional, – com destaque particular no que tange ao turismo em torno de atividades náuticas.

De modo geral, as marinas e os campos de golfe reverberam uma política de incorporação crescente dos espaços litorâneos às dinâmicas das atividades imobiliárias, de turismo e lazer. A democratização dessas práticas balizou o surgimento de novas estações balneárias no Ocidente, que incorporam esses equipamentos de custo elevado, cujos impactos urbanos e ambientais são importantes. Nesse contexto, os interesses dos praticantes dessas atividades adquirem relevância nas diversas instâncias das coletividades territoriais.

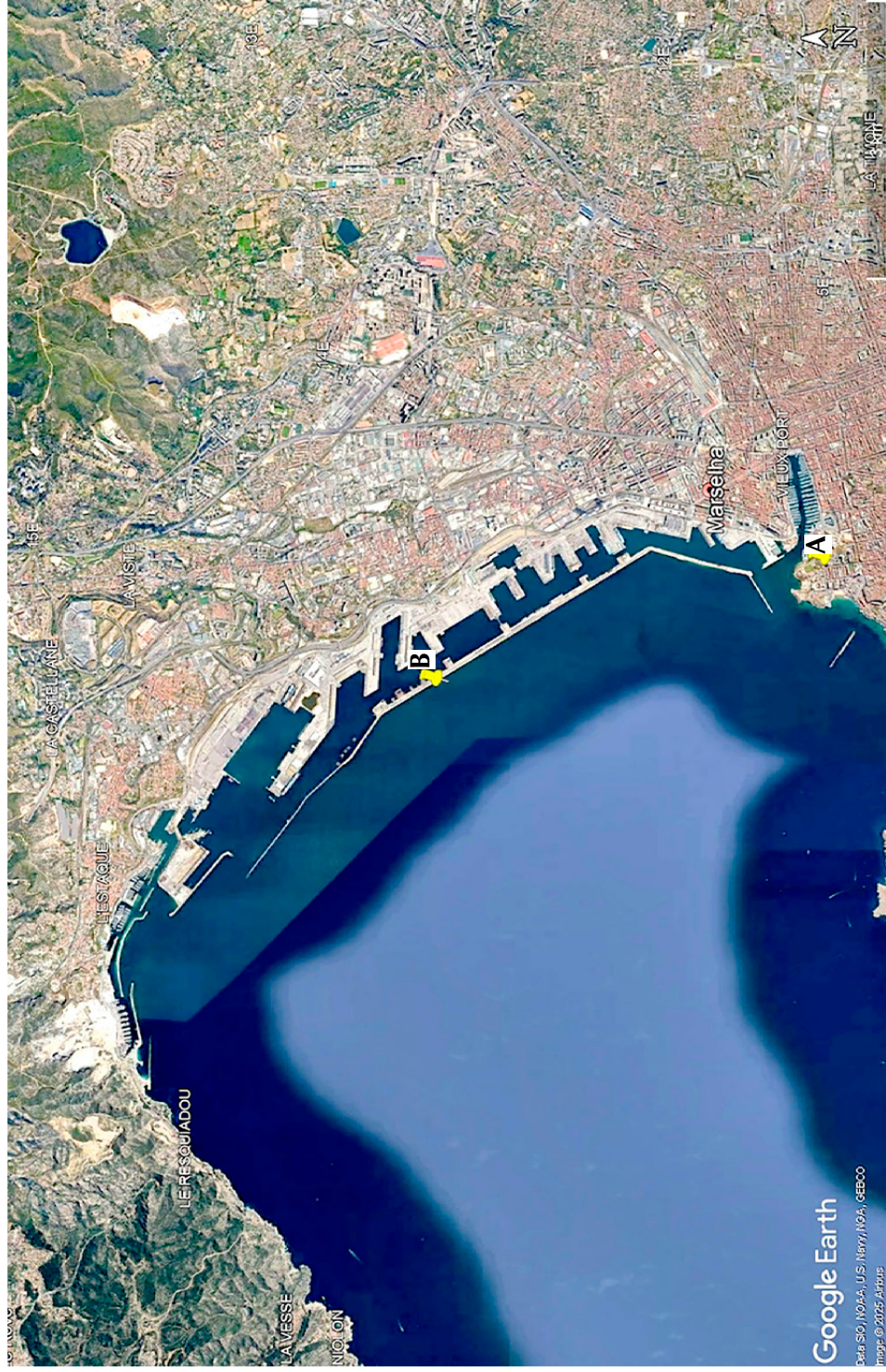
Diante disso, há uma efetivação, no século XX, de profundas transformações nas cidades litorâneas e/ou portuárias. As atividades portuárias, geralmente situadas na área central da cidade, foram

pouco a pouco “expulsas” (necessidade de espaços retroportuários e armazéns, bem como enfrentamento de problemas de poluição e de riscos industriais) para suas margens, liberando, assim, amplos espaços urbanos nos centros históricos, que, na sequência, foram transformados e apropriados para o turismo e o lazer (Cozic, 2012).

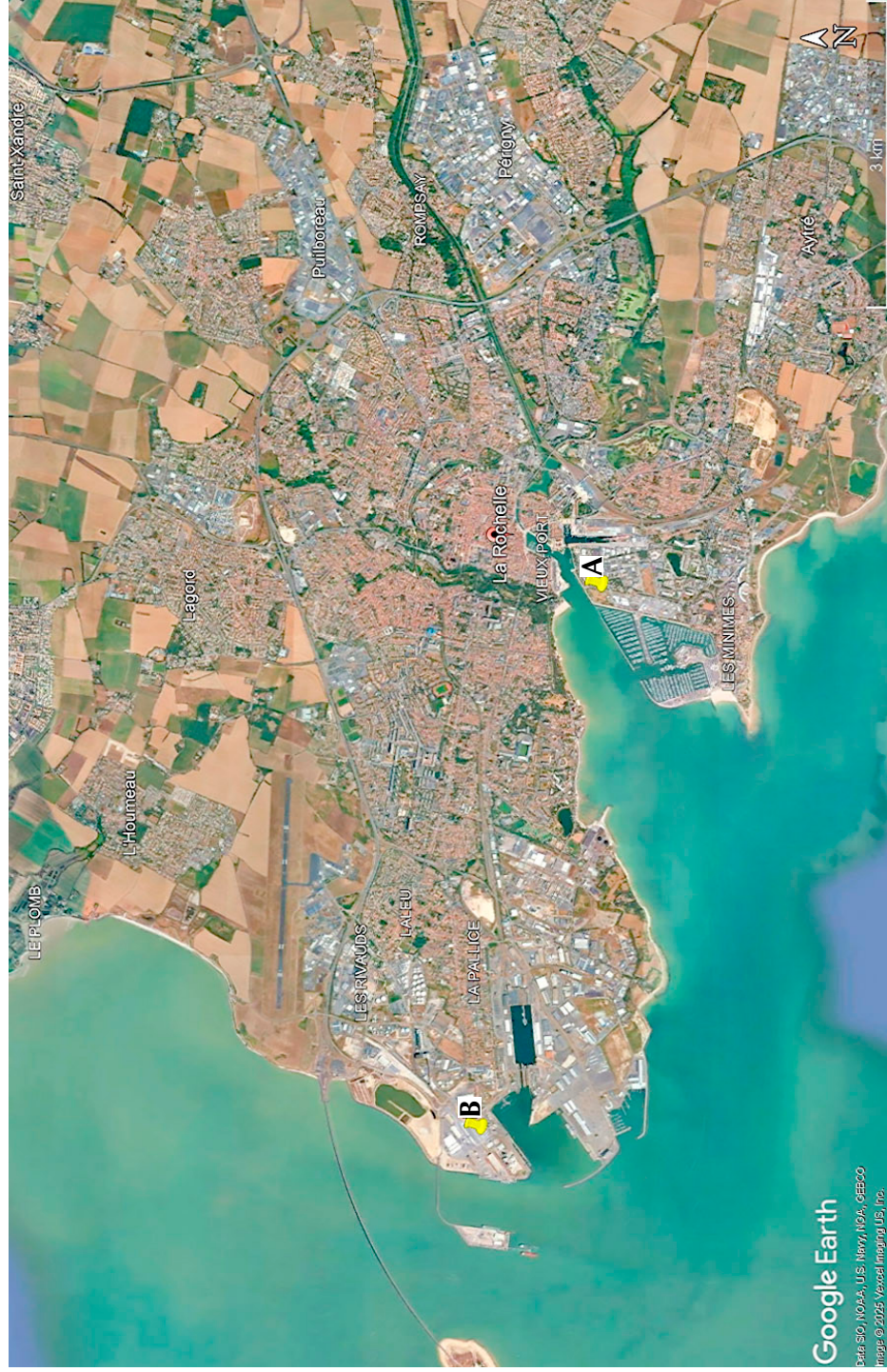
Uma tendência mundial se impõe. De Nova York a Marseille, passando por Rio de Janeiro e Buenos Aires, os espaços portuários centrais foram devidamente reapropriados, conservando, assim, um vínculo implícito com o mar, a partir do delineamento de atividades de turismo e lazer.

Nas Figuras 13 e 14, é possível visualizar o “salto espacial” das instalações portuárias para a vocação industrial das cidades de Marseille e La Rochelle, a primeira em direção ao norte, e a segunda, ao oeste. Nesse panorama, a apropriação dos espaços portuários obsoletos e suas transformações em espaços de turismo e lazer ocorreu de forma progressiva, acompanhando a difusão da náutica e das profundas transformações do setor portuário, a partir da década de 1960.

Figuras 13 e 14 – Marinas e portos industriais de Marseille e La Rochelle (França)



Legenda: A, Velho Porto (hoje marina); B, Porto Industrial



Legenda: A, Velho Porto e Marina Les Minimes; B, Porto Industrial de La Pallice.

Fonte: <https://www.geoportail.gouv.fr/carte>. Adaptado pelos autores.

Os campos de golfe se inscrevem na mesma perspectiva, embora o foco esteja na prática esportiva. A democratização do esporte alcançou um lugar de debate público, envolvendo também as preocupações ambientais e territoriais.

As marinas e os espaços próximos se tornaram lugares de passeios públicos, de encontros, de eventos culturais (como o Festival Musical Les Francofolies, em La Rochelle) e esportivos de todos os tipos (Figuras 15 e 16); os golfes (Figura 17), além do esporte em si, integraram também pautas de preservação ambiental e de refúgio para a fauna e a flora local. Cada vez mais, assistimos à busca de um “selo de sustentabilidade” nas instalações.

Figura 15 – Marinas de La Rochelle e Marseille

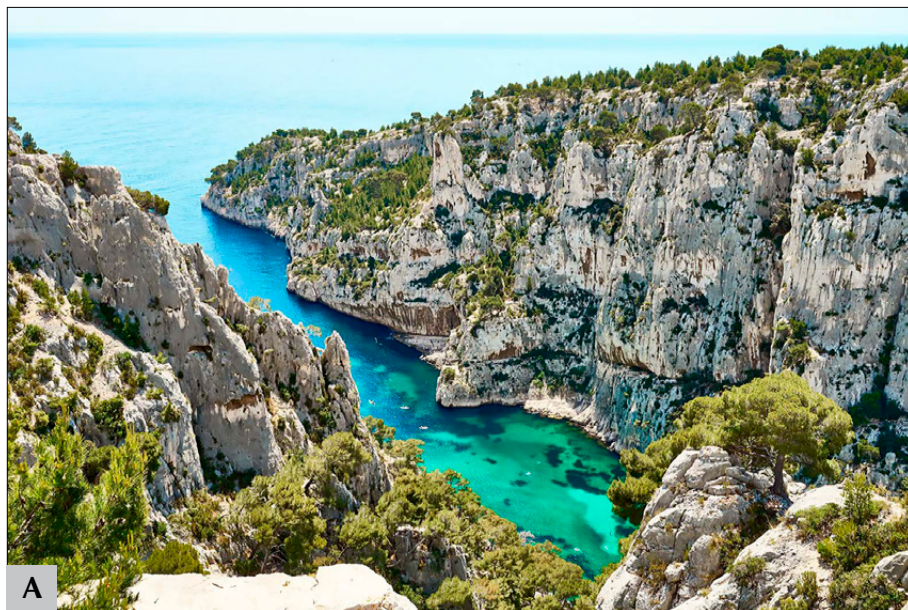


Legenda: A – Restaurantes e bares no cais Duperré, marina do Velho Porto, em La Rochelle; B – Porto Les Minîmes, em La Rochelle; C e D – Velho Porto, em Marseille.

Fonte: <https://blog.edulynks.com/wp-content/uploads/2017/07/La-Rochelle-Vieux-Port-Quai-Duperre-1024x685.jpg>.

https://live.staticflickr.com/8267/30313413426_4238e33770_b.jpg, maps-marseille.com/marseille-tourism-map

Figura 16 – Calanques, no sudeste de Marseille



Legenda: A – Calanque D'en Vau; B – Calanque de Port Miou com marina
Fonte: Bertrand Cozic, 2009.

Figura 17 – Campos de golfe em Marseille e La Rochelle, França



Fonte: <https://jouer.golf/en/golf/ugolf-marseille-borely/> e <https://lecoingolf.fr/parcours-degolf/golf-de-la-pree-la-rochelle/>

A importância do delineamento das práticas aqui consideradas, nas cidades litorâneas francesas, é perceptível nos seguintes aspectos: a existência de 430 portos e marinas no território, com 220.000 vagas (molhadas), em contraste com o Brasil – um país de dimensão continental –, que contava, em 2012, com apenas 46.000 vagas, sendo 39.000 em portos secos e 7.000 em marinas; a forte concentração de campos de golfe em La Rochelle, que reúne 13 campos em uma área de 50 km², a maioria com “selo verde”; e, ainda, a presença de 4 campos de golfe em Marseille.

Além das dinâmicas turísticas próprias envolvendo as marinas, a náutica alavanca uma cadeia de serviços econômicos extensos, fortalecendo, assim, as redes econômicas locais. Setores específicos, como a construção naval para embarcações de passeio ou serviços de apoio (mecânica, velas, equipamentos, entre outros), adquirem relevância e justificam a localização de empresas da construção naval de turismo e lazer, como a Fountaine Pajot, Dufour e Amel em La Rochelle e sua região imediata.

A rede de balneários marítimos no Nordeste do Brasil é, genericamente, datada a partir da segunda metade do século XX. Em termos de definição, entende-se por rede de balneários marítimos a integração de cidades, metrópoles e povoados litorâneos turistificados e, por assim dizer, alcançados por fluxos de visitantes em função de práticas de lazer, tanto em circuitos de longos deslocamentos (de natureza regional, nacional e internacional) quanto em lazer de proximidade (expressivamente, de áreas metropolitanas).

Com a urbanização histórica e sobretudo costeira, não é de estranhar que os principais núcleos urbanos da região, inclusive os metropolitanos, também estejam situados à beira-mar. Essa pré-condição, anterior ao fenômeno da massificação das práticas marítimas modernas (turismo litorâneo e vilegiatura marítima), contribuiu para a efetivação da referida rede. As costas dos municípios pontilhadas por estações balneárias são irrigadas pelos fluxos rodoviários paralelos à zona costeira e provenientes das metrópoles e, concomitantemente, de seus aeroportos. Isso posto, as metrópoles passam a con-

gregar vários papéis: (i) são espaços urbanos capazes de polarizar a entrada de visitantes (turistas nacionais e internacionais) na rede; (ii) difundir semanalmente, por sua importância populacional, fluxos locais de usuários de praia (Araújo; Matos, 2021); (iii) agregar, internamente à sua tessitura urbana, espaços de lazer e de turismo, inclusive com estruturas de hospedagem hoteleiras e não hoteleiras.

No Brasil, cuja centralidade do fluxo turístico encontra-se no domínio doméstico, pois há distâncias significativas das grandes bacias emissoras de estrangeiros (Dantas, 2019), duas variáveis são preponderantes na conformação de balneários litorâneos: sistemas aeroviários eficientes e existência de segundas residências ou imóveis de uso ocasional direcionados ao lazer e à rede hoteleira (Boyer, 2008).

Em relação à primeira variável, é interessante considerar a adoção de políticas de investimento dos governos estaduais na implantação de *hubs* em seus aeroportos, notadamente nas metrópoles mais dinâmicas do Nordeste do Brasil: Salvador, Recife e Fortaleza (Quadro 4).

Quadro 4 – Situação dos centros de conexão aérea (*hubs*) nos três principais aeroportos do Nordeste, em 2022

Cidade	Hub (Coligação)	Destinos diretos regulares	Capitais diretas regulares	Banco de conexões	Decolagens diárias médias
Fortaleza	Latam (Passaredo)	18	14	1	27
Recife	Azul (Azul Conecta)	36	21	5	73
Salvador	Gol (Passaredo)	21	14	3	38

Fonte: Diário do Nordeste, agosto de 2022 (Pires, 2022).

No concernente à segunda variável, tanto no mundo temperado como no tropical, as segundas residências ou *vocation homes*, antecedem qualquer outro equipamento turístico no momento originário de formação dos balneários marítimos (Hall; Muller, 2004;

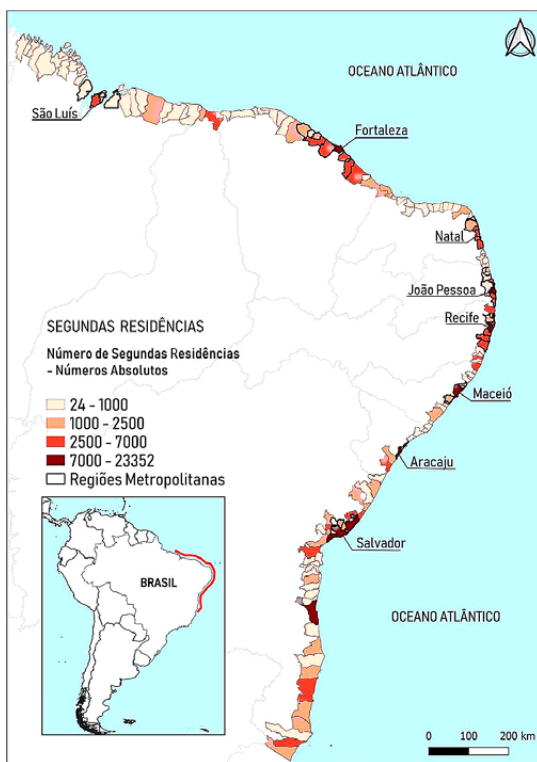
Aledo; Steen; Jacobson; Selstad, 2012; Pereira, 2020). Mesmo os balneários fortemente turistificados e com presença de cadeias de hotéis de porte internacional, fato registrado desde os anos 1970, são destinos onde se constroem, com participação de companhias imobiliárias, condomínios de segundas residências (Colás, 2003).

Em países como Espanha e Portugal, a construção de imóveis residenciais para o uso temporário de compatriotas e de estrangeiros passou a ser nomeado turismo residencial (Aledo, 2008). Esse fato ratifica a complementação entre empreendimentos hoteleiros e outros produtos imobiliários, com objetivo de permitir a estadia (e a propriedade) nessas estações balneárias (Pereira, Dantas, 2021).

Na costa do Nordeste do Brasil, nos registros de 2010, é constatada uma concentração espacial de segundas residências nos litorais, com intensa articulação ao polo metropolitano (Figura 18).

Figura 18 – Número absoluto de segundas residências nos municípios litorâneos do Nordeste do Brasil, 2010

Fonte: IBGE, Sinopse, 2010.



As exceções se explicam pela presença de cidades de porte médio, capazes de intermediar fluxos de lazer e demandar a construção de segundas residências e, da mesma forma, por zonas turísticas consolidadas e não metropolitanas. No estado do Maranhão, cita-se o caso de Barreirinhas, com a atratividade dos Lençóis Maranhenses.

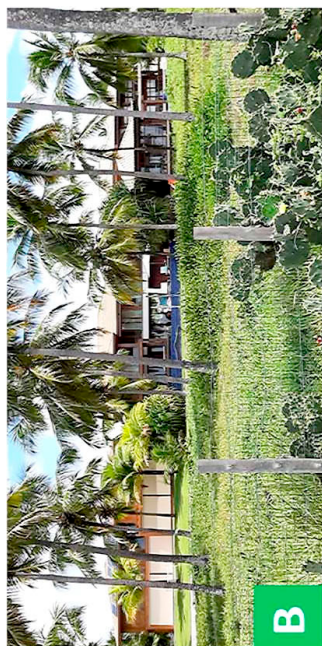
Novamente, os maiores quantitativos de segundas residências localizam-se nos litorais próximos às três principais metrópoles da região, na ordem: Salvador, Recife e Fortaleza (Pereira, 2015). Inegavelmente, conforme se verifica nos estudos de rede urbana (Regic, 2018), as metrópoles lideram os fluxos turísticos e o processo de reprodução do espaço, de modo alinhado às atividades de lazer.

Se, até os anos 1990, predominavam como indicadores dos espaços turísticos os hotéis nas capitais nordestinas e as segundas residências nos espaços litorâneos dos demais municípios contíguos a elas, nos últimos vinte anos, o processo ganha outras formas, e as localizações recebem outros conteúdos (Pereira, 2015). As segundas residências permanecem importantes na produção do espaço urbano nas zonas de praia, todavia o modelo predominante passa a ser, nas frentes de expansão imobiliária, a produção de condomínios de praia, principalmente, na forma de apartamentos (Figura 19).

Como é representado no mapa da Figura 20, em todas as áreas de concentração de municípios turísticos litorâneos, essa forma imobiliária representa um dos elementos básicos nas estações marítimas, estando relacionada tanto aos interesses econômicos dos incorporadores imobiliários (mercado), como ao interesse dos consumidores regionais, nacionais e internacionais (turistas e vilegiaturistas).

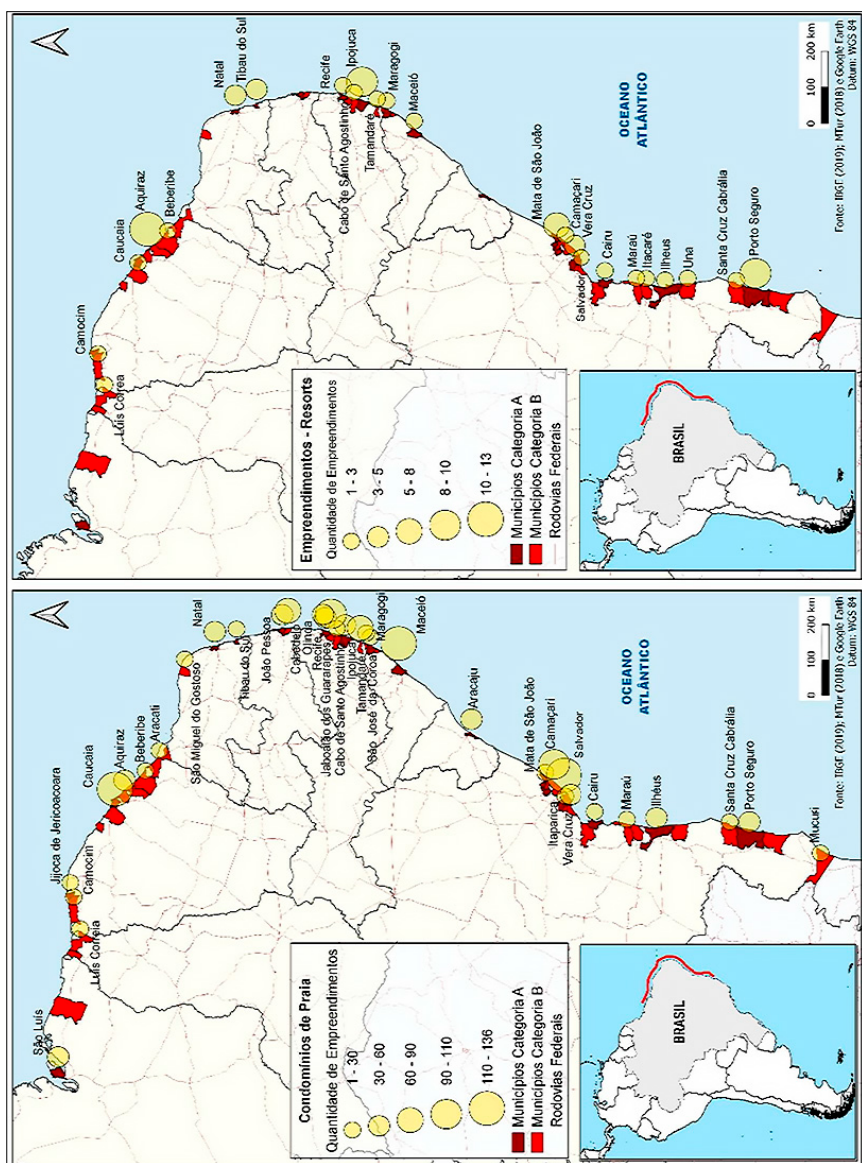
Por sua vez, os *resorts* (estruturas hoteleiras que propiciam serviços de lazer diversos) tornaram-se comuns nos balneários. Em termos de concentração de empreendimentos, os trabalhos de campo evidenciaram exemplos destacáveis: as zonas de praia de Aquiraz, no Ceará; Tibau do Sul, no Rio Grande do Norte; Ipojuca, em Pernambuco; Mata de São João e Porto Seguro, na Bahia. Dos três estados mais importantes da região, há duas lógicas espaciais: a metropolitana e a dos polos turísticos complementares.

Figura 19 – Tradicionais e novas formas imobiliárias para moradia, lazer e turismo no litoral do Nordeste



Fonte: Banco de fotos dos pesquisadores – LAPUR-UFC (trabalhos de campo em 2019 e 2022).

Figura 20 – Distribuição de condomínios de praia e *resorts* marítimos nos municípios turísticos, categorias A e B (2020)



Fonte: Ministério do Turismo, trabalho de campo e pesquisa no Google Maps.

Nas lógica metropolitana, a construção de *resorts* se efetiva em municípios adjacentes às zonas hoteleiras das três principais capitais nordestinas. Nas proximidades de Fortaleza, têm-se os municípios

de Aquiraz e Caucaia; em Salvador, destacam-se Camaçari e Mata de São João; e, na zona direta de influência de Recife, aparece, sobremaneira, Ipojuca. Nas capitais, localizam-se os aeroportos e as principais estruturas viárias de distribuição de fluxos. Além disso, a própria população metropolitana é consumidora dos serviços de lazer propiciados pelos *resorts* instalados. Nos municípios-sede dos *resorts*, há disponibilidade de terras à beira-mar em zonas de praia transformadas em epicentros dessa modalidade de empreendimento de lazer: Porto das Dunas, em Aquiraz (CE); Muro Alto, em Ipojuca (PE); e Praia do Forte, em Mata de São João (BA). A implantação dos *resorts*, por sua vez, significa a redução de áreas destinadas, anteriormente, a outros usos do território, mais especificamente a práticas marítimas tradicionais (moradia dos mais pobres, pesca e a função portuária para pequenas embarcações), agricultura e extrativismo (Barbosa, 2016; Cavalcante, 2016; Brandão, 2014).

A localização dos *resorts* ainda se faz em polos turísticos complementares. No Ceará, destacam-se as zonas de praia de Jijoca de Jericoacoara; no Rio Grande do Norte, Tibau do Sul (praia de Pipa); e em Alagoas, aponta-se Maragogi. No primeiro caso, além da conexão terrestre via Fortaleza, há um aeroporto regional capaz de facilitar o acesso de turistas nacionais e internacionais pelas capitais do Sudeste. Nos dois casos seguintes, as estações balneárias e seus *resorts* são prolongamentos das dinâmicas registradas na lógica metropolitana de Natal (Pipa) e de Recife (Maragogi).

A costa sul baiana é mais diversificada, haja vista os destinos conhecidos na costa do Dendê (Morro de São Paulo, em Cairu) e na costa do Descobrimento, especialmente, Porto Seguro. A primeira localização é beneficiada pelos aeroportos de Salvador e de Ilhéus. A segunda conta com aeroporto específico.

Não há dúvidas de que a disseminação de *resorts* em tradicionais e recentes estações turísticas é uma das principais marcas de inovação nessas destinações. Isso se deve, por um lado, ao incremento de recursos públicos municipais, estaduais e federais em infraestrutura e isenções fiscais e, de outro, pela ação de grupos

empresariais regionais (grupos Beach Park e Aviva, por exemplo) e de grupos internacionais (Vila Galé, Iberostar, Hardrock, Dom Pedro, Grand Palladium, Tivoli, entre outros), (Gomes, 2011).

Nova geração de balneários

No início dos anos 2000, a nova geração de balneários se anunciava, com a incorporação de campos de golfe e de marinas. Para tanto, além dos *resorts* e dos modernos condomínios de praia, empreendedores pensaram em transplantar o modelo mediterrâneo, no qual há a associação entre o turismo de sol e praia e as práticas citadas anteriormente.

No que se refere à prática do golfe, o estudo de Sousa, Matias e Selva (2016) listou 53 projetos de complexos turísticos projetados para as praias do Nordeste do Brasil tendo como âncora o campo de golfe.

Entretanto, dada a crise econômica iniciada em 2008, a maioria dos campos de golfe não foi construída (Correia; Martins, 2004), restringindo-se a apenas campos de golfe no Nordeste do Brasil, um deles ainda em construção (Quadro 5). À exceção do Caxangá Golf (mais antigo do Brasil) e do Cocó Golfe (Parque Urbano do Cocó), os demais empreendimentos se encontram integrados a complexos turístico-imobiliários situados em municípios considerados turísticos.

Quadro 5 – Principais campos de golfe localizados em municípios litorâneos no Nordeste do Brasil

Município	Empreendimento	Tamanho (ha)	Ano de inauguração
Porto Seguro (BA)	Terra Vista	70	2004
Mate de São João (BA)	Iberostar	100	2007
Recife (PE)	Caxangá Golf	35	1950
Município	Empreendimento	Tamanho (ha)	Ano de inauguração
Tibau do Sul (RN)	Pipa Golf	–	Em construção

Município	Empreendimento	Tamanho (ha)	Ano de inauguração
Fortaleza (CE)	Cocó Golfe	—*	2018
Aquiraz (CE)	Aquiraz Riviera	90	2008
Aquiraz (CE)	Golfville	—*	2015

*Não há informação em hectares, contudo sabe-se que o campo abarca 9 buracos.

Fonte: trabalho de campo e sítios eletrônicos dos empreendimentos.

Em entrevista realizada durante trabalho de campo, em 2018, o gerente de um dos complexos em Aquiraz (CE), cuja composição agrega um campo de golfe de 18 buracos, lastimou a raridade de empreendimentos da mesma natureza no Ceará e em outros estados da região. O responsável técnico esclareceu da dificuldade de atrair turistas/praticantes de outros países, haja vista a inexistência de diversidade de campos, condição impeditiva do estabelecimento de fluxos turísticos para praticar a modalidade em diferentes campos (Villar Lama, Fernández Tabales, 2013). Em comparação a outras regiões turísticas litorâneas, o Nordeste brasileiro não pode ser considerado um espaço onde a prática é predominante. Somente na região do Algarve, em Portugal, existem aproximadamente 27 campos de golfe, construídos ao longo de 30 anos (Correia; Martins, 2004), e, na Comunidade Valenciana, em 2006, foram contabilizados 31 campos (Navarro; Ortuño, 2010).

Distante da perspectiva de simbolizar a difusão do uso recreativo ou desportivo, a construção de campos de golfe tem, em espaços de expansão turística litorânea, muito mais o papel de ornamentar a paisagem e incrementar a valorização do produto imobiliário no qual o campo está inserido (Villar Lama, Fernández Tabales, 2013).

A gestão das águas, a produção de resíduos sólidos, o tipo de mobilidade urbana, a coesão social e a atividade turística são categorizados como elementares para compreender os impactos da instalação de campos de golfe em determinadas regiões

(Ortuño; Hernández; Civera, 2016). Dos elementos elencados, no caso nordestino, o uso da água e a coesão social podem ser compreendidos como mais reveladores dos desdobramentos territoriais dos campos de golfe.

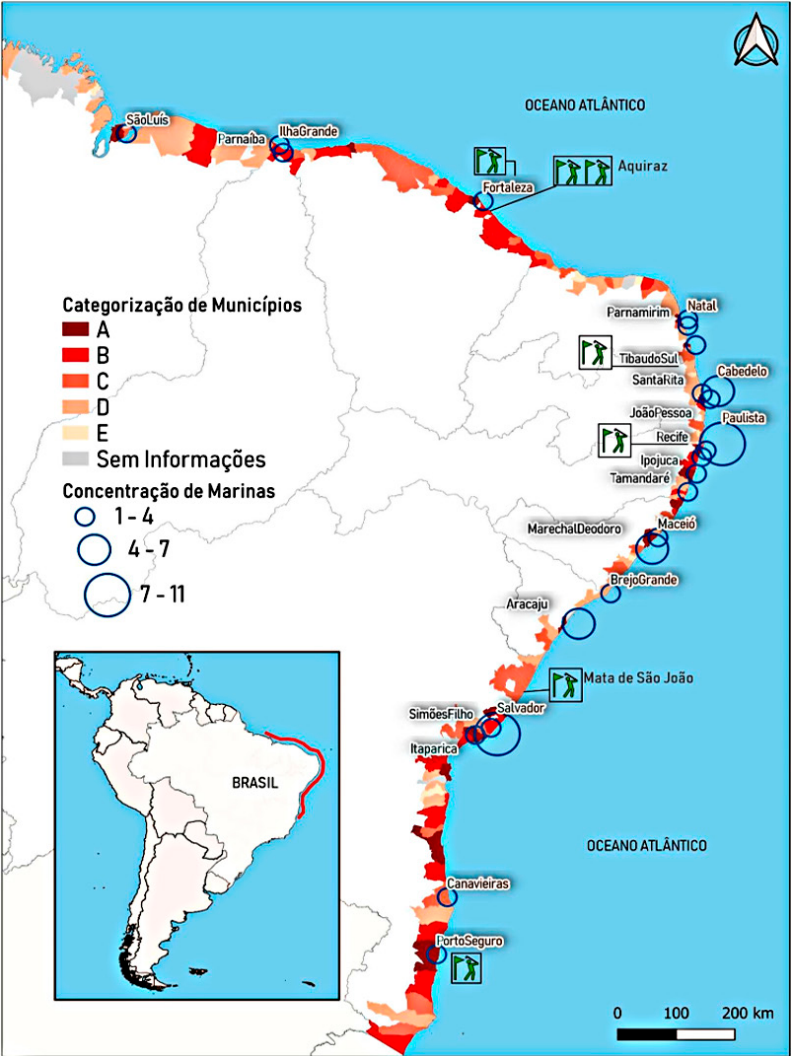
Sobretudo na sua porção mais semiárida, a região apresenta dificuldades sazonais na manutenção do abastecimento de cidades litorâneas e interioranas. Além disso, a maioria dos municípios litorâneos não conta com rede de abastecimento de água potável ou sistemas abrangentes de tratamento de efluentes (Pereira; Alii, 2021). Dessa forma, empreendimentos que consomem constantemente volumes significativos de água limpa (Navarro; Ortuño, 2010) tendem a aumentar níveis de insegurança hídrica para as áreas do entorno dos complexos (Lima, 2015).

No que se refere à coesão social, empreendimentos turístico-imobiliários e campos de golfe tendem a transformar o uso do território na escala das centenas de hectares, tendo como produto ambientes fechados aos sócios-proprietários e utilizados por segmentos sociais de média-alta e alta renda familiar. Com a consolidação desse modelo de ocupação do território e adensamento de tais formas urbanas, podem-se produzir no entorno imediato processos de fragmentação espacial, segregação e/ou autosegregação residencial (Pereira; Salinas; Prado, 2021).

Para a elevação dos fluxos turísticos no Nordeste, o efeito campo de golfe ainda é tênue. Chega-se a essa conclusão ao considerar o quantitativo de: (i) complexos que apostam nessa modalidade esportiva; e (ii) praticantes e eventos registrados no material publicitário das empresas proprietárias. Grosso modo, a grande maioria dos complexos considerados adota estratégias pouco ousadas e voltadas à tentativa de formação de uma clientela local de praticantes, capazes de aderir aos clubes e adquirir propriedades imobiliárias nos empreendimentos. Exceção à regra se dá com o Grupo Iberostar, em seu complexo na Bahia, que faz referência à visitação de turistas espanhóis em função do golfe, balizada na singularidade do empreendimento Terra Vista, em Porto Seguro, que conta com a

presença de artefatos arqueológicos encontrados durante sua construção e mantidos como atrativo turístico (Figura 21).

Figura 21 – Categorização turística, campos de golfe e marinas no litoral do Nordeste do Brasil



Fonte: trabalho de campo.

No tocante às marinas, além da oferta limitada de vagas, sua distribuição espacial é fortemente desigual na escala regional. As regiões Norte e Centro-Oeste dispõem de menor participação, com 12% do total das vagas em portos secos e 2% em marinas, mesmo a primeira região dispondo de uma rede fluvial extensa. A região Nordeste, mesmo semiárida, conta com 11,5% das vagas em portos secos e 22,2% em marinas, próximo ao patamar alcançado na região Sul (21,6%). A região Sudeste desponta nesse cenário com 55% das vagas em portos secos e 54% em marinas.

Diferentemente da dinâmica francesa, a maioria das marinas no Brasil apresenta como características: são privadas e dependem diretamente do aluguel de vagas (valor próximo a 85%); têm uso restrito aos proprietários dos empreendimentos, sendo poucas aquelas que acolhem um público externo; possuem ofertas de vagas limitadas na escala nacional, contribuindo, assim, para o encarecimento dos serviços, se comparados aos preços cobrados em outros destinos internacionais. Do posto, as marinas brasileiras tornam-se pouco atrativas a um público mais amplo, um impedimento à popularização da atividade.

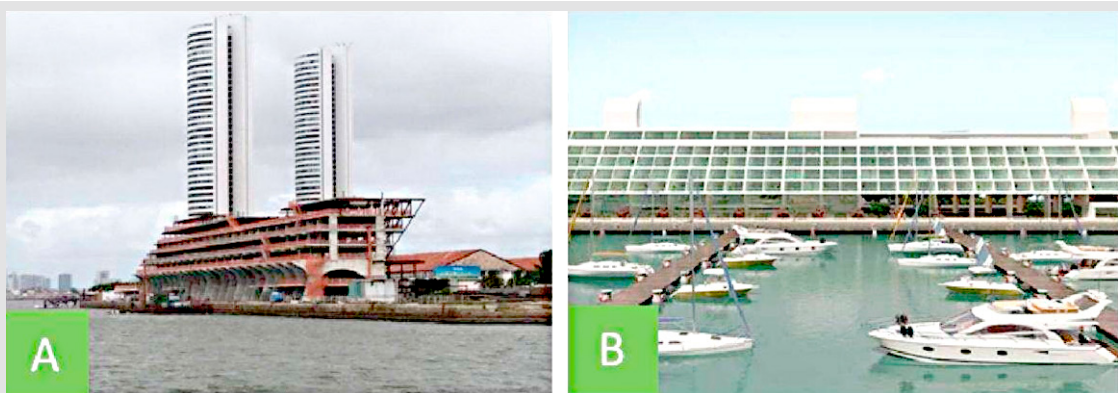
Embora a integração das práticas náuticas à cidade e ao turismo possa ser atingida a partir das marinas, Telles (2015) afirma que, no Brasil, o contexto envolvido não é promissor posto ser “o turismo funcionalmente seletivo”, apropriado “por lógicas das empresas e da informação” e por promover a evolução do “setor náutico” em detrimento do “meio náutico, em sua diversidade”. Diante disso, “a ambiência, a atividade e o turismo são comprometidos por um segmento reduzido a negócios e finanças, ricamente explorados pela informação, ao invés das extensões dos subsistemas que constituem o lugar” (Telles, 2015).

Recife foge à regra do contexto nacional e nordestino, em particular. Há investimento significativo na vocação turística associada à dimensão marítima ao longo da década de 2010, com consequente revitalização de espaços portuários no centro da cidade (cais do Sertão, Marco Zero, Museu do Homem do Nordeste, Terminal de

Passageiros e, mais recentemente, o projeto marina-hotel, no cais Santa Rita) (Figura 22).

Além da perspectiva dos negócios e das finanças, que suscitem exclusão da sociedade civil dos processos de decisão – vide o movimento “Ocupe Estelita!” –, é possível vislumbrar uma certa sinergia nos empreendimentos, especialmente quanto à sua inserção no reforço da ideia de cidade marítima, privilegiando também o acesso público aos espaços revitalizados. Tal tônica implementada segue o modelo adotado no Rio de Janeiro durante a preparação para acolher as Olimpíadas.

Figura 22 – Projeto e obras em andamento do complexo marina-hotel (A) e centro de convenções (B), em Recife



Fonte: CozicB. <https://jc.ne10.uol.com.br/colunas/jc-negocios/2021/09/13604290-com-hotelmarina-e-centro-de-convencoes-cais-de-santa-rita-sera-novo-polo-turistico-do-recife-em-doisanos.html>.

Considerações finais

Da análise empreendida em três dimensões, podem-se apontar elementos reflexivos sobre os desdobramentos dos esportes marítimos e do turismo no Brasil, em três domínios:

I

A variedade de esportes e lazeres criados e/ou adaptados às paragens litorâneas demonstra processo de reinvenção contínuo da praia e do marítimo como produtos sociais. Esses produtos retroalimentam práticas já massificadas, como a vilegiatura marítima e o turismo.

Os circuitos internacionais de esportes no mar e na praia expressam um modelo mundial e comercial de divulgação de lugares simbólicos e interligados em rede. Tais praias, espalhadas por todos os continentes, tornam-se ícones e arquétipos de lugares ideais para o desenvolvimento profissional e amador desses esportes/práticas. Nesses lugares, características naturais (geomorfologia e clima) associam-se às infraestruturas de apoio, transporte e estadia e perfazem as condições necessárias para a atração crescente de *vacanciers* e esportivas. *Surf* e *kitesurf* são exemplos propulsores.

Merece destaque, no domínio teórico-conceitual, o estabelecimento de diálogo com grupo de pesquisadores franceses para lidar

com estudos associados às práticas de lazer e turísticas, principalmente as de cunho esportivo (Audinet, Guibert, Sebileau (2017); Guibert e Slimani (2011); Sebileau (2017)). Realiza-se, então, procedimento analítico que envolve os habitantes das cidades-sede, embriagados no exercício das práticas náuticas e aquáticas enfatizadas e, também, exercitando outras centradas nos mesmos princípios (futebol de praia, vôlei de praia, caminhada nos calçadões, bem como frequência de festivais ligados ao temário do marítimo). Dessa forma, valida-se a tese de Duhamel (2018) tanto sobre a viabilidade dos espaços turísticos quanto sobre a existência de dinâmicas relacionadas ao lazer, diante das quais os pesquisadores devem se posicionar para apreender a realidade contemporânea.

II

Os parques temáticos chegam ao século XXI na condição de importantes indutores do fluxo turístico mundial. Ganham espaço tanto em destinos consolidados (Paris, Orlando) como em novos destinos (Singapura, Seul, Xangai). Para isso, as grandes companhias de entretenimento têm papel destacado, principalmente a Walt Disney. Essas são eficazes na divulgação, modernização e criação de padrões replicados em parques mundo afora. Inclusive, atualmente, as companhias promovem uma relação indissociável entre cinema, programas televisivos e a reinvenção desses espaços turísticos.

O Brasil se encontra na periferia desse circuito, com números acanhados diante dos europeus, norte-americanos ou leste-asiáticos. Assim, como é característica do fluxo turístico brasileiro, os quatro principais parques têm a maior parte de seus visitantes no turismo doméstico. No que tange à dimensão temática, a espacialização dos parques, no Brasil, se explica claramente pela relação com a água. Os principais parques ficam em três estados situados na região Centro-Sul, sendo o Beto Carrero World o mais complexo e próximo aos modelos internacionais de parques temáticos. A exceção locacional é o Beach Park, no Nordeste, intrinsecamente associado à maritimidade moderna. Na escala das transformações urbanas induzidas, percebe-se

o nível de centralidade constituído com a instalação e o desenvolvimento dos parques. No caso dos localizados em Olímpia e Rio Quente, há redefinição do espaço construído, com a especialização funcional e a associação entre os parques, hotelaria e imóveis destinados a uso sazonal. Os núcleos urbanos tornam-se intrinsecamente dependentes dessas estruturas de lazer, mais fortemente no caso de Rio Quente. Em Penha, a praia de Armação sedia o Beto Carrero World e integra uma rede de balneários litorâneos, entre eles, as praias de Florianópolis e as de Balneário Camboriú. O parque é um importante elemento de uma rede de espaços turísticos, a principal da região Sul do Brasil, composta, ainda, por densa malha viária e dois aeroportos.

Dos grandes parques no Brasil, o Beach Park é o único situado na tessitura metropolitana. Integra e promove uma centralidade na metrópole, com função turística e de lazer fortemente constituída. A partir dos anos 2010, a associação entre as atividades do parque, de hotelaria e os interesses da incorporação imobiliária pauta a produção do espaço urbano. O eixo rodoviário da CE-025, além de acesso e ligação da sede metropolitana ao parque, torna-se zona demandada por atividades terciárias e outros produtos imobiliários, com certo adensamento de formas urbanas. Pensa-se que há uma relação direta entre a espacialidade do lazer em Porto das Dunas e as mudanças metropolitanas apontadas.

Por fim, tanto em função de mudanças no ordenamento fiscal como por investimentos em infraestrutura de acesso, os recursos públicos são usados para tais mudanças no espaço turístico. Os dirigentes dos parques e demais empresas de lazer fazem tratativas constantes com os diferentes gestores públicos executivos a fim de ampliar isenções fiscais (Beto Carrero World) e construir infraestruturas urbanas inexistentes (Beach Park). Institui-se uma lógica de ordenamento do espaço associada a um modelo de sociedade no qual o lazer tem um papel preponderante na constituição da cidade e do urbano, reforçando o processo de urbanização e metropolização associado a interesses de empreendedores turísticos e imobiliários na escala do país.

III

É evidente como a valorização de novos esportes no mar (náuticos) e na praia (golfe) gera impactos na diversificação das práticas de lazer, com a consequente conformação de novas localizações turísticas nos espaços litorâneos. Delineiam-se novos balneários em escala mundial, assentados no papel estratégico dos esportes na geração de fluxos, valorizando empreendimentos imobiliários que dispõem de marinas e de campos de golfe.

Na França, a democratização das práticas mencionadas, promoveu uma interação intensa com os territórios através de reconfigurações espaciais significativas e estruturantes do turismo e dos litorais envolvidos. De modo geral, a guinada do turismo em relação à potencialização de atividades físicas (esportivas profissionais e amadoras) no Ocidente, ao longo da segunda metade do século XX e início do século XXI, elevou a náutica e o golfe a um patamar de destaque no contexto litorâneo.

Os *ports de plaisance* (marinas) passaram a compor os novos balneários litorâneos, suscitando, assim, um desdobramento a partir do qual “as atividades náuticas propiciam o uso emergente da navegação turística pelo Homem” (Telles, 2015), um dado acrescido com a incorporação de cassinos, *spas* e, a título de destaque, campos de golfe.

Na França, a partir dos anos 1960, esse tipo de infraestrutura dá suporte aos proprietários das embarcações, tanto em função da estadia/manutenção destas como da possibilidade de se tornarem *hotspots* em rotas turísticas marítimas (Bernard, 1999). Assim, as marinas evoluem de ferramenta técnica voltada a poucos usuários para um elemento estruturante de territórios litorâneos e, nesse sentido, passam a contribuir para a oferta de uma gama extensa de atividades de turismo e lazer, bem como para a consolidação e desenvolvimento de setores econômicos específicos (construção naval voltada para o lazer, por exemplo).

As marinas e os campos de golfe que balizam os empreendimentos supramencionados – destacados nos exemplos de La

Rochelle e Marseille – possuem uma importância estratégica na constituição e consolidação dos balneários na França. O papel dessas infraestruturas não pode ser compreendido como simples elemento “mecânico” dos balneários, posto serem objeto das políticas tanto públicas como privadas, reforçando a urbanidade dos balneários e, muitas vezes, constituindo-se como verdadeiras “âncoras” para pensar esses espaços. As cidades “invadiram” as marinas, tornando-as espaços articuladores entre as funções urbanas e as atividades de turismo e lazer. Em vários casos, as marinas suscitaram vocações econômicas específicas em torno do âmbito náutico e por meio de uma indústria naval voltada para o lazer. Os campos de golfe seguem um pouco a mesma trajetória e constituem hoje elementos estruturantes num contexto de amplo debate político, econômico, social e ambiental.

A massificação das práticas marítimas modernas nos novos balneários litorâneos se apresenta no litoral nordestino do Brasil de forma distinta da observada na França. Enquanto as práticas marítimas mais clássicas – como os banhos de mar (superados mais recentemente pelos banhos de sol) e a vilegiatura marítima – se inserem na mesma largura de onda do Ocidente, impulsionadas pela ampliação do número de usuários provenientes dos setores médios da sociedade (fenômeno de massificação), observa-se um avanço não significativo no concernente à popularização das práticas esportivas, como as náuticas e o golfe.

A tônica de valorização dos espaços litorâneos, implementada a partir do final do século XX no Brasil, empreende uma lógica de ordenamento do território pautada no imobiliário-turístico (Dantas *et al*, 2010), suscitando a oferta de empreendimentos imobiliários com padrão arquitetônico próximo do europeu, dispondo de marinas e campos de golfe, espalhados na zona costeira e voltados a um segmento social mais abastado da sociedade. Em um primeiro momento, esses empreendimentos foram pensados para usuários estrangeiros, mas foram reconfigurados, devido à crise do mercado imobiliário, para usuários do país: do lugar e provenientes

de outras regiões. Conforme vimos anteriormente, os novos balneários não se apresentam ainda como elementos estruturantes significativos para o turismo no Nordeste do Brasil, sendo ainda muito cedo para considerar os efeitos de transversalidade constatados no exemplo do caso francês.

No caso do Brasil, apontam-se sérias dificuldades na implementação dos novos balneários, não se constituindo como âncora de debates num contexto socioeconômico, político e ambiental, mas sim como verdadeiros enclaves reservados para seus poucos usuários.

Grosso modo, a análise da presença e da intensificação da construção de empreendimentos voltados para segunda residência aponta para a consolidação dos balneários no Nordeste do Brasil, acompanhando a hierarquia das redes de fluxos turísticos e a polarização dos empreendimentos em torno das regiões metropolitanas. Assim como ocorre nos fluxos, constata-se a emergência de polos intermediários em torno de regiões turísticas consolidadas, a exemplo de Jericoacoara, o Delta do Parnaíba e os Lençóis Maranhenses.

Referências

ALEDO, A. *et al.* Building tourism in Costa Blanca: second homes, second chances? *In: NOGUÉS-PEDREGAL, A. M. (ed). Culture and society in tourism contexts.* Bingley, Emerald, 2012. p. 111–139.

ALEDO, A. De la tierra al suelo: la transformación del paisaje y el nuevo turismo residencial, *Arbor Ciencia, Pensamiento y Cultura*, v. 184, n. 729, p. 99-113, ene./feb. 2005.

ALTMAN, Y. A theme park in a cultural straitjacket: the case of Disneyland Paris France. *Managing Leisure*, v. 1, n. 1, p. 43-56, 1999.

ARCHER, K. The limits to the Imagineered City: sociospatial polarization in Orlando. *Economic Geography*, v. 73, n. 3, p. 322-336, 1997.

ANDREU, H. G. Un acercamiento al concepto de turismo residencial. *In: MAZÓN, T.; ALEDO, A. (ed.). Turismo residencial y cambio social.* Alicante: Universidad de Alicante, 2005.

ARAÚJO, L.; MATOS, F. Turismo regional e a mobilidade na zona costeira do Nordeste do Brasil. *In: PEREIRA, A. Q. DANTAS, E. C (org.). Espacialidades turísticas: do global ao regional.* Rio de Janeiro: Letra Capital, 2021.

AUDINET, L.; GUIBERT, C.; SEBILEAU, A. *Les “sports de nature”*. Paris: Édition du Croquant, 2017.

AUGUSTIN, J. P. L’attractivité plurielle d’une station océane: Lacanau-Océan dans le sudouest de la France, *Téoros*, v. 26, p. 39- 45, 2007. Disponível em: <http://teoros.revues.org/830>. Acesso em: 01 fev. 2011.

BAJAC, Q.; OTTINGER, D. (ed.). *Dreamlands: des parcs d’attractions aux cités du futur*. Paris: Centre Pompidou, 2010.

BARON-YELLES, N. La place de l’urbain dans les relations entre la nature et le tourisme: réflexions prospectives. *POUR – Revue du Groupe de Recherche pour l’Education et la Prospective*, n. 191, p. 35-42, 2006.

BARBOSA, A. G. Ações de responsabilidade social como elemento da governança em complexos imobiliários: quais as intencionalidades na Reserva do Paiva? *Movimentos sociais e dinâmicas espaciais*, v. 5, p. 89-113, 2016.

BARON-YELLES, N.; CLAVÉ, S. A. Leisure parks: components and creators of the new urban landscapes? *Society and Leisure*, v. 37, n. 1, p. 18-37, 2014.

BEHAR-BANNELIER, L. Les paysages thématiques de Disneyland Resort Paris. *Espaces*, n. 2, p. 24-32, 2008.

BNDES INVESTE R\$ 50 milhões no Beto Carrero World. 2019. Disponível em: <https://www.bndes.gov.br/wps/portal/site/home/imprensa/noticias/conteudo/bndesinveste-r50-milhoes-no-beto-carrero-world>. Acesso: 21 maio 2021.

BERNARD, N. Du port-parking au produit touristique: l’évolution des ports de plaisance en France. *In: Norois*, n. 182, 1999- 2. p. 275-285.

BLONDY, C. Pratiques de la plage em Polynésie française. *M@ppemonde*, v. 111 p. 1-17, 2013.

BOUDOU, J-L. Em favor da talassografia. *Geografia*, Vitória, n. 2, p. 71-80, jun. 2001.

BOYER, M. *L'invention du tourisme*. Paris Gallimard, 1996.

BOYER, M. *Les villégiatures du XVIe au XXIe siècle*. Caen: Éd. Management et Société, 2008.

BRANDÃO, P. R. B. *Territórios do turismo, territórios de todos?* Um estudo comparado sobre urbanização e formação de territórios em balneários turísticos do Nordeste do Brasil. Curitiba: CRV, 2014.

BRASIL. MINISTÉRIO DO TURISMO. *Anuário Estatístico de Turismo 2018*. Dados e fatos. Disponível em: <http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/>. Acesso em: 24 maio 2021.

BRASIL. Ministério do Turismo. *Categorização dos Municípios das Regiões Turísticas do Mapa do Turismo Brasileiro*. Perguntas e respostas. Brasília, 2019.

BROUGÈRE, G. Les parcs d'attractions : jeu, divertissement, éducation. *Educação e pesquisa*, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 11-21, jan./jun. 2000.

BRUNEL, S. Tourisme et “disneylandisation”. In: FAGNONI, E. (dir.). *Les espaces du tourisme et des loisirs*. Paris: Armand Colin, 2017. p. 192-204.

CARVALHO, G. L. A. *Política de turismo no estado de Goiás: um estudo sobre as escalas institucionais de intervenção*. Tese (Doutorado em Geografia) – Centro de Ciências, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

CAVALCANTE, E. O. Modernização do litoral e o estilhamento da vida cotidiana: o caso de Cumbuco – Caucaia (CE). *RA'E GA: o espaço geográfico em análise*, v. 36, p. 7, 2016.

CAVALCANTE, F. *Murilo Pascoal, CEO do Beach Park, conversa sobre a trajetória desse ícone e análise do setor de parques*

aquáticos no Brasil. 16 jan. 2020. Matx Podcast. Disponível em: <https://anchor.fm/matx-podcast/episodes/Murilo-Pascoal--CEO-doBeach-Park--conversa-sobre-a-trajetria-desse-cone-e-analisa-o-setor-de-parquesaquaticos-no-Brasil-ea6qq0>. Acesso em: 21 maio 2021.

CAZES, G. Les grands parcs de loisir en France: réflexions sur un nouveau champ de recherches. *Travaux de l'Institut Géographique de Reims*, n. 73, p. 39-56, 1988.

CLAUDINO SALES, V. C. Os litorais cearenses. In: SILVA, J. B. *et al* (org.). *Ceará: um novo olhar geográfico*. 2. ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007. p. 231-260.

CLAVÉ, S. A. El desarrollo de parques temáticos en un contexto de globalización. *Boletín de la AGE*, n. 28, p. 85-102, 1999.

DENG, X. *The development of theme parks in China*. Thesis – Southern Illinois University, Carbondale, IL, 2011.

CLAVÉ, S. A. *The global theme park industry*. Oxfordshire, GB: CABI Head Office, 2007.

COËFFÉ V. La plage, fabrique d'une touriste(cité) idéale. *L'Information géographique*, v. 74, p. 51-68, 2010/3.

COLÁS, J. L. *La residencia secundaria en España: estudio territorial de su uso y tendencia*. Tesis (doctoral Geografía) – Universitat Autònoma de Barcelona, Barcelona, Catalunya, ES, 2003.

CONTI, J. B. Geografia e tropicalidade. *Revista da Casa de Geografia de Sobral*, Sobral, v. 12, n. 1, p. 47-58, 2010.

CORBIN, A. *Le territoire du vide*. Paris: Aubier, 1988.

CORREIA, A.; MARTINS, V. Competitividade e eficiência na indústria do golfe: o caso do Algarve. *RPER*, n. 7, p. 85-101, 2004. Disponível em: <https://reviewrper.com/index.php/rper/article/view/137>. Acesso em: 24 out. 2022.

- COSTA, M. C. L. Influências do discurso médico e do higienismo no ordenamento urbano. *Revista da ANPEGE*, v. 9, p. 63-73, 2013.
- COZIC B. Les relations ville-port à Rio de Janeiro: entre difficultés et perspectives de développement. *Confins*, v. 15, 2012.
- DANTAS, E. W. C. *Coastal geography in Northeast Brazil: analyzing maritimity in the tropics*. Berlin: Springer, 2016.
- DANTAS, E. W. C. Incorporação do lado mar à geografia das metrópoles nordestinas. *Boletim Goiano de Geografia*, v. 35, p. 380-396, 2015.
- DANTAS, E. W. C. *Maritimidade nos trópicos*. 3. ed. Fortaleza: Edições UFC, 2019.
- DANTAS, E. W. C.; FERREIRA, A. L. LIVRAMENTO, M. C. (org.). *Turismo e imobiliário nas metrópoles*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2010.
- DELUMEAU, J. *La peur em Occident, XVIème – XXIIIème siècles*. Paris: Fayard, 1978.
- DEMAJOROVIC, J. *et. al.* Complejos turísticos residenciales. *Estudios y Perspectivas en Turismo*, v. 20, p. 772-796, 2011.
- DEVILLE CHABROLLE, V. Parcs d'attractions: manèges et management à l'américaine. *Santé & Travail*, n. 45, p. 23-44, 1999.
- DUHAMEL, P. *Géographie du tourisme et des loisirs*. Paris: Armand Colin, 2018.
- ELIAS, N. *La civilisation des mœurs*. Paris: Calmann-Levy, 1973.
- FERNÁNDEZ MUNOZ, S.; TIMON, D. A. B. El desarrollo turístico inmobiliario de la España mediterránea y insular frente a sus referentes internacionales (Florida y Costa Azul). *Cuadernos de Turismo*, n. 27, p. 373-402, 2011.
- GOMES, L. Luzes e sombras no litoral norte da Bahia. Geografia. 2011. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Sergipe, Aracajú, 2011.

GUIBERT, C. *L'univers du surf et stratégies politiques en Aquitaine*. Paris : L'Harmattan, 2006.

GUIBERT, C.; SLIMANI, H. *Emplois sportifs et saisonnalités*. L'économie des activités nautiques. Paris: L'Harmattan, 2011.

HALL, C.; MULLER, DK. (org.). *Tourism, mobility and second homes: between elite landscape and common ground*. Clevedon (UK): Channed View Publications, 2004.

IBGE. *Regiões de Influência das Cidades 2018 (REGIC)*. 2020.

LERY, J. *Histoire d'un voyage en terre du Brésil*. Paris: Bibliothèque classique, 1994.

LIMA, F A de A. *Impactos socioambientais do turismo no distrito de Tapera: o caso do complexo turístico e residencial Aquiraz Golf & Beach Villas*. 2015. 151f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

LINHARES, P. *Cidade de água e sal*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1992.

LUKAS, S. A. Themes park. London: Reaktion, 2008. MARC, I. L'essor des parcs aquatiques en Espagne. In: SALAÜN, S.; ÉTIENVRE, F. *Ocio y ocios: du loisir aux loisirs (Espagne XVIIIe-XXe siècles)*. Paris: Université Sorbonne Nouvelle, 2006. Disponível em: <https://crec-paris3.fr/wp-content/uploads/2011/07/04-marc.pdf>. Acesso em: 21 maio 2020.

LUSSAULT, M.; STASZAK, J.-F. "Hétérotopie" In: LEVY, J.; LUSSAULT, M. (dir.). *Dictionnaire de la géographie et de l'espace des sociétés*. Paris, Belin, p. 452-453, 2003.

MILMAN, A. Evaluating the guest experience at theme parks: an empirical investigation of key attributes. *International Journal of Tourism Research*, v. 11. n. 4, p. 373-387, 2009.

MOURA, M. O. *O clima urbano de Fortaleza sob nível do campo térmico*. 2008. 281 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

NAVARRO, J. R.; ORTUÑO, A. Impacto de los campos de golf en levante. *Ciudad y territorio: estudios territoriales*, v. 163, p. 35-48, 2010.

NIEVES, R. H. Tendencias del turismo residencial: el caso del mediterráneo español. *El Periplo Sustentable*, n. 14, p. 65-87, 2008.

ORTUÑO, A. P.; HERNÁNDEZ, M. H.; CIVERA, S. P. Golf courses and land use patterns in the south-east of Spain. *Land Use Policy*, v. 51, p. 206-214, fev. 2016.

PAIVA, R. A.; DIOGENES, B. H. N. “Learning from Beach Park”: o lugar do complexo turístico-imobiliário no processo de urbanização turística da Região Metropolitana de Fortaleza (Ceará). In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL, 17., 2017, São Paulo. *Anais [...]*. São Paulo: FAUUSP, 2017.

PAN, H.; BAHJA, F.; COBANOGU, C. Analysis of U.S. theme park selection and international implications. *Journal of Transnational Management*, v. 23, n. 1, p. 22-38, 2018.

PEREIRA, A. Q.; BRANDAO, P. R. B.; LAURENT, F. Les conflits socio-environnementaux dans les espaces touristiques littoraux des États de Bahia et du Ceará au Brésil. *Cybergeog: European Journal of Geography, Espace, Société, Territoire*, document 991. 2021.

PEREIRA, A. Q.; SALINAS-ARREORTUA, L. A.; PRADO-DA SILVA, N. de J. Configuração territorial e complexos turísticos no Nordeste do Brasil. *Estudos Territoriais Cidade e Território*, v. 53, n. 208, p. 481-502, 2021.

PEREIRA, A. Q. *A urbanização vai à praia*. Fortaleza: Edições UFC, 2014.

PEREIRA, A. Q. *Coastal resorts and urbanization in Northeast Brazil*. Basel, Switzerland: Springer International Publishing, 2020.

PEREIRA, A. Q. Urbanization-metrolization and holiday resorts on the Northeast coast of Brazil. *Mercator*, Fortaleza, v. 14, n. 4, p. 107-121, set. 2015. Disponível em: <http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/1662>. Acesso em: 20 set. 2022.

PEREIRA, A. Q.; COZIC, B.; DANTAS, E. W. C. Tradicionais e novos atrativos nos balneários turísticos na França e no Nordeste do Brasil. *Confins*, Paris, v. 3, p. 1-17, 2023.

PEREIRA, A. Q.; CUNHA, G. B. Empreendimentos turístico-imobiliários e a modernização dos litorais metropolizados – Fortaleza-Ceará. *Sociedade & Território*, v. 30, n. 2, p.169193, 2019.

PEREIRA, A. Q.; DANTAS, E. W. C. Theme and water parks in Brazil. *Geousp*, São Paulo, v. 25, p. 1-18, 2021.

PEREIRA, A. Q.; DANTAS, E. W. C. (org.). *Espacialidades turísticas: do regional ao global*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2021b.

PEREIRA, A. Q.; DANTAS, E. W. C. Dos banhos de mar aos esportes nas zonas de praia e no mar. *Sociedade & Natureza*, v. 31, p. 1-21, 2019.

PEREIRA, A. Q.; GOMES, I. R. Lazer, imobiliário e infraestrutura urbana do litoral cearense no século XXI. *Caminhos de Geografia*, Uberlândia, v. 19, n. 67, p. 109-225, 2018.

PIRES, I. Fortaleza, Recife e Salvador: os três *hubs* aéreos do Nordeste. *Diário do Nordeste*, 05 ago. 2022.

RALUCA, D. C.; GINA, S. Theme park: the main concept of tourism industry development. *Annals of the University of Oradea*, v. 17, n. 2, p. 641-646, 2008.

RIEUCAU, J.; LAGEISTE, J. La plage, un territoire singulier: entre hétérotopie et antimonde. *Géographie et Cultures*, n. 67, p. 3-6, 2008.

RODRIGUES, F. N. *Turismo e meio ambiente: da inserção dos resorts à (in)sustentável gestão ambiental no Porto das Dunas, Aquiraz-CE*. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

RYAN, C.; SHUO, Y. S. S.; HUAN, T.-C. Theme parks and a structural equation model of determinants of visitor satisfaction – Janfusan Fancyworld, Taiwan. *Journal of Vacation Marketing*, v. 16, n. 3, p. 185-199, 2010.

SALIOU, C. Les trottoirs de Pompéi: une première approche. *Babesch*, v. 74, p. 161-218. 1999.

SANTOS, M. F. *Os impactos sócio-econômicos do parque Beto Carrero World na economia de Penha*. Monografia (Graduação em Ciências Econômicas) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica, razão e emoção*. São Paulo: Edusp, 1996.

SEBILEAU, A. Les figures de l’empietement dans une commune du littoral. In: GUIBERT, C.; TAUNAY, B. *Tourisme et Sciences Sociales*. Paris: L’Harmattan, 2017.

SILVA, G. M. *Orientação da linha de costa e dinâmica dos sistemas praia e duna: praia de Moçambique*, Florianópolis, SC. 2006. 290 f. Tese (Doutorado em Geociências) – Pós-Graduação em Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

SIMS, S.; MESEV, V. Measuring urban sprawl and compactness: case study Orlando, USA. In: INTERNATIONAL CARTOGRAPHIC CONFERENCE, 25., June 2011, Paris. Proceedings... Paris, 2011.

SOUSA, P. G.; MATIAS, E. M.; SELVA, V. S. F. From residential tourism to tourist real estate complexes: the appropriation of the

coastal zone in the Northeast of Brazil by tourist real estate activities. *Ambiente & Sociedade*, v. 19, n. 03, p. 177-198, 2016.

TEA; AECOM. *Theme Index and Museum Index: the Global Attractions Attendance Report*. [S.l.]: TEA, 2018. TEA; AECOM. *Theme Index and Museum Index: the Global Attractions Attendance Report*. [S.l.]: TEA, 2017.

TOLEDO, M. Com águas termas, Olímpia (SP) deve receber 500 mil pessoas em janeiro. *Folha de S. Paulo*, 2 jan. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/noticias/2016/folha-verao/>. Acesso em: 15 maio 2020.

TELLES, D. H. Q. Escalas do meio náutico e a mediação territorial no Brasil: reflexões sobre o turismo em marinas angrenses. *Geosul*, Florianópolis, v. 30, n. 59, p. 67-94, jan./jun. 2015.

THEVET, A. *Le Brésil d'André Thevet: les singularités de la France Antarctique (1557). Édition intégrale établie, présentée & annotée par Frank Lestringant*. Paris : Éditions Chadeigne, 1997.

THEYTAZ, S. La négociation en aménagement du territoire: l'exemple de trois projets d'aménagement des terrains de golf en Valais. *Le Globe: Revue Genevoise de Géographie*, v. 134, p. 75-102, 1994.

TORRES BERNIER, E. El turismo residencial y sus efectos en los destinos turísticos. *Estudios Turísticos*, p. 45-70, 2013.

URBAIN, Jean-Didier. *Sur la plage*. Paris: Éditions Payot, 1996.

URRY, J. *O olhar do turista*. 3. ed. São Paulo: Studio Nobel, 2001.

VILLAR LAMA, A.; FERNÁNDEZ TABALES, A. Diagnóstico y perspectiva territorial del golf en Andalucía: entre la cualificación turística y el desarrollismo inmobiliario. *Boletín de la Asociación de Geógrafos Españoles*, v. 62, p. 357-378, 2013.

ZUKIN, S. Learning from Disney World. In: ZUKIN, S. *The cultures of cities*. Cambridge, GB: Blackwell, 1995. p. 48-77.

Os autores

Alexandre Queiroz Pereira

Professor associado no Departamento de Geografia da Universidade Federal do Ceará e professor visitante da Le Mans Université – França. Autor dos livros *Cidade percebida, a urbanização vai à praia* e *Coastal resorts and urbanization in Northeast Brazil*. Pesquisador de produtividade do CNPq, do Observatório das Metrôpoles e do Laboratório de Planejamento Urbano e Regional (LAPUR).

Eustógio Wanderley Correia Dantas

Professor titular da Universidade Federal do Ceará e professor visitante nas universidades francesas Sorbonne e de Angers. Membro efetivo do Instituto Histórico do Ceará, bem como autor dos *best-sellers*: *Maritimidade nos trópicos*, veiculado pela Editora da UFC, e *Mar à vista: estudo da maritimidade em Fortaleza*, publicado em terceira edição pela Imprensa Universitária da UFC.

Bertrand Cozic

Professor associado do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Pernambuco. Coordenador do Centro de Estudo da Ásia da UFPE e professor visitante nas universidades de Angers (França) e Ningbo (China).

Visite nosso site:
www.imprensa.ufc.br



Av. da Universidade, 2932 – Benfica
CEP.: 60020-181 - Fortaleza-Ceará, Brasil
Fone: (85) 3366.7485 / 7486
imprensa@proplad.ufc.br

No contexto das comemorações dos 70 anos da Universidade Federal do Ceará, a Coleção de Estudos da Pós-Graduação da UFC, em sua edição 2024-2025, celebra a maturidade de uma instituição que forma, pesquisa e transforma. Composta por 30 títulos selecionados em edital público, a coleção reforça o compromisso da UFC com a qualificação da formação discente e a valorização da sua produção intelectual. Os livros refletem a vitalidade da produção acadêmica que nasce no rigor da ciência, mas dialoga com os desafios regionais e globais. Fruto de seleção pública, esta edição testemunha o papel da pós-graduação na formação de excelência e no avanço do conhecimento, reafirmando o compromisso da UFC com o futuro, além de destacar a centralidade da pós-graduação na construção de uma universidade pública de referência.

ISBN 978-85-7485-590-5

